

galeria

nara roesler

ARTRIO

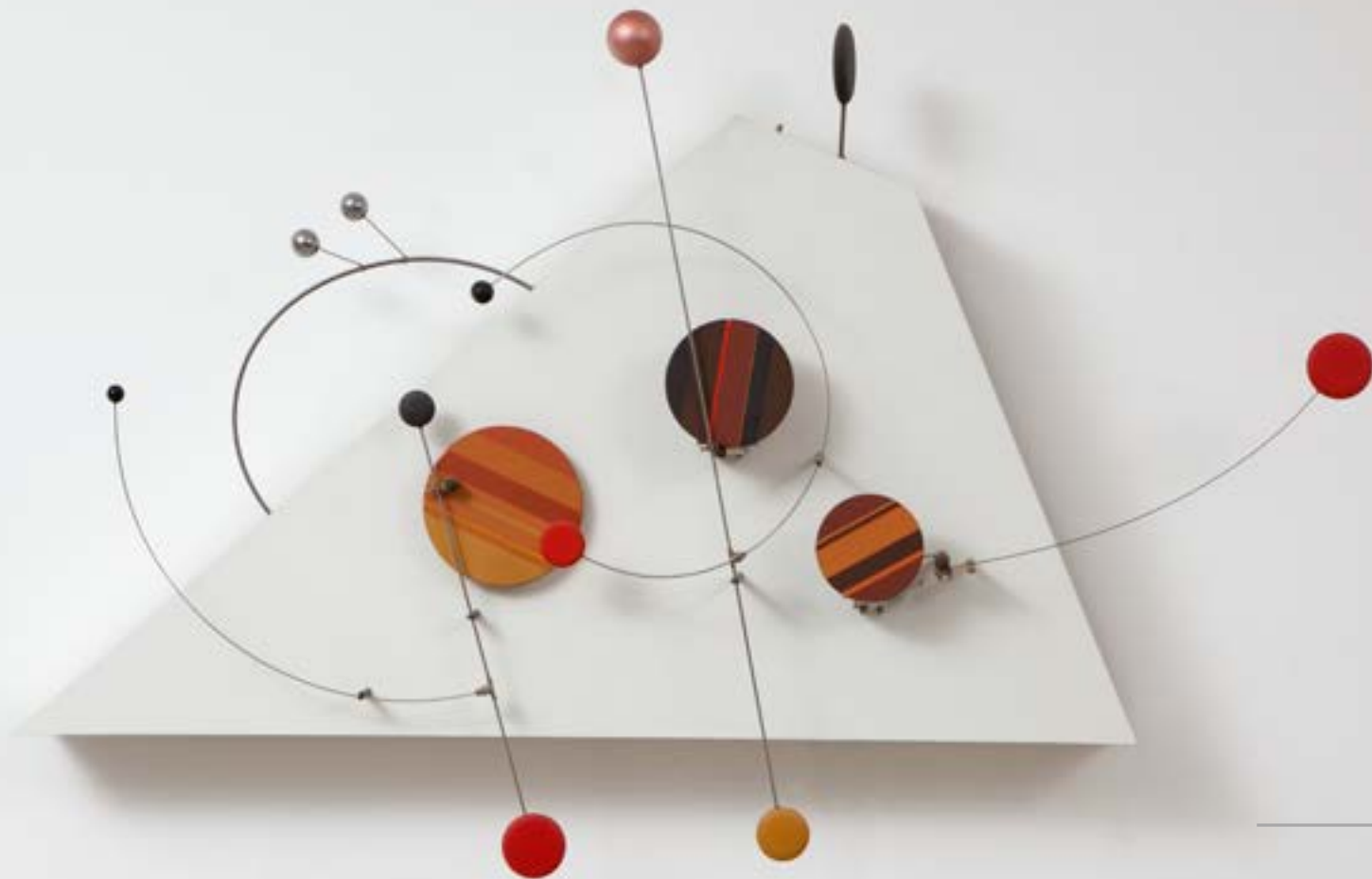
armazém / warehouse 03  
stand / booth 16

artistas na feira / artists at the fair

abraham palatnik	laura vincí
alberto baraya	lucia koch
alice miceli	luzia simons
angelo venosa	marcelo silveira
antonio dias	marco maggi
artur lescher	marcos chaves
brígida baltar	melanie smith
bruno dunley	milton machado
cao guimarães	o grivo
carlito carvalhosa	oscar oiwa
cristina canale	paul ramirez jonas
eduardo coimbra	paulo bruscky
hélio oiticica	raul mourão
isaac julien	rodolpho parigi
josé patricio	sérgio sister
julio le parc	tomie ohtake
karin lambrecht	vik muniz

[www.nararoesler.com.br](http://www.nararoesler.com.br)





abraham palatnik

Abraham Palatnik  
**Objeto cinético K-06** 1966 / 2002  
madeira, fórmica, ímãs, metal, motor e tinta industrial /  
wood, formica, magnets, metal, motor and industrial paint  
72 x 96 x 16 cm



Abraham Palatnik é um dos pioneiros no emprego da tecnologia nas artes visuais em âmbito mundial, ao lado de nomes como Malina, Schöefer e Healey – artistas cujas investigações experimentais na arte cinética levaram a uma nova compreensão do fenômeno visual na arte. O desenvolvimento do trabalho de Palatnik, contudo, é singular, por envolver uma cisão de consequências inesperadas, embora muito coerentemente trilhadas ao longo de mais de seis décadas.

Seu primeiro aparelho cinemático, *Azul e roxo em primeiro movimento*, exerceu profundo impacto no debate sobre os suportes da arte no júri de seleção da 1ª Bienal de São Paulo, em 1951. “A verdadeira arte do futuro”, como Mário Pedrosa enfatizou à época, era fruto de uma ruptura que aconteceu em relação à produção de Palatnik em pintura desde o final da década de 1950, graças ao contato que travara o artista com Pedrosa e com o Hospital Psiquiátrico D. Pedro II, onde se impressionou decisivamente com a potência da linguagem de trabalhos produzidos por internos. Desde então, o artista passou a investigar as possibilidades artísticas de uma nova técnica, baseada no uso de luz e movimento no tempo-espaço pictórico, com auxílio das últimas tecnologias.

Palatnik nasceu em 1928, em Natal. Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Participou de oito edições da Bienal de São Paulo, Brasil (entre 1951 e 1969), além da 32ª Bienal de Veneza, Itália (1964), ao lado de Mavignier, Volpi e Weissmann, entre outros. Entre suas exposições coletivas mais importantes estão *Arte construtiva no Brasil – Coleção Adolpho Leirner* (Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil, 1998; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 1998), e a 1ª Bienal do Mercosul, em Porto Alegre, Brasil (1997). Suas individuais recentes incluem: *Abraham Palatnik: A reinvenção da pintura*, no Centro Cultural Banco do Brasil, Brasília, Brasil (2013); *Ocupação Abraham Palatnik*, no Instituto Itaú Cultural (2009) e *Ordenando as nuvens* (2004-05), na Galeria Nara Roesler, ambas em São Paulo, Brasil.

Suas obras integram acervos de instituições como: Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil; Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Niterói, Brasil; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil; Museu de Arte Contemporânea do Paraná, Curitiba, Brasil; Museum of Modern Art, Nova Iorque, EUA; Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina; Royal Museum of Fine Arts, Bruxelas, Bélgica; entre outras.

Abraham Palatnik is one of the pioneers in using technology in visual arts worldwide, alongside names such as Malina, Schöefer, and Healey—artists whose experimental investigations in kinetic art led to a novel understanding of the visual phenomenon in art. The development of Palatnik’s work, however, is unparalleled because it involves a schism of unexpected consequences, although they have been coherently followed along for more than six decades.

His first cinechromatic machine, *Azul e roxo em primeiro movimento*, had a profound impact on the discussion of art materials by the selection jury of the 1st Bienal de São Paulo, in 1951. “The true art of the future,” as Mário Pedrosa put it at the time, was the result of a departure from Palatnik’s painting production since the late 1950s, as a consequence of the artist’s coming in touch with Pedrosa and the D. Pedro I Psychiatric Hospital, where he was decisively impressed by the potency of the language used in works produced by inpatients. From then on, the artist set out to investigate the artistic possibilities of a new technique, based on the use of light and movement in the pictorial time-space, with the aid of the latest technologies.

Palatnik was born in 1928 in Natal. He lives and works in Rio de Janeiro. He featured in eight editions of the Bienal de São Paulo, Brazil (between 1951 and 1969), and in the 32nd Venice Biennale (1964), alongside Mavignier, Volpi, and Weissmann, among others. His main group shows include *Arte construtiva no Brasil – Coleção Adolpho Leirner* (Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brazil, 1998; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brazil, 1998), and the 1st Mercosul Biennial, in Porto Alegre, Brazil, 1997). Recent solo shows include: *Abraham Palatnik: A reinvenção da pintura*, at Centro Cultural Banco do Brasil, in Brasília, Brazil (2013); *Palatnik: une discipline du chaos*, at Galerie Denise René in Paris, France (2012); *Ocupação Abraham Palatnik*, at the Instituto Itaú Cultural (2009) and *Ordenando as nuvens* (2004–05), at Galeria Nara Roesler, both in São Paulo, Brazil.

His works are included in the collections of the Museu de Arte Moderna de São Paulo; Museu de Arte Contemporânea de Niterói; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro; Museu de Arte Contemporânea da USP; Museu de Arte Contemporânea de Curitiba, all in Brazil; Museum of Modern Art in New York, United States; Museo de Arte Latinoamericano in Buenos Aires, Argentina; Royal Museum of Fine Arts, in Brussels, Belgium, among others.



Alberto Baraya  
**Expedição Califórnia: Hortensia Monroe** 2012  
objeto encontrado, fotografia e desenho sobre cartão/  
photograph, found objects and drawing on cardboard  
100 x 81 cm



Alberto Baraya  
**Expedição Califórnia: Campanilla Tijuana** 2012  
 objeto encontrado, fotografia e desenho sobre cartão/  
 photograph, found objects and drawing on cardboard  
 100 x 81 cm



Alberto Baraya  
**Expedição Califórnia: Passiflora Monroe** 2012  
 objeto encontrado, fotografia e desenho sobre cartão/  
 photograph, found objects and drawing on cardboard  
 100 x 81 cm



Alberto Baraya  
**Expedição Califórnia: Acacia Mancusso** 2012  
 objeto encontrado, fotografia e desenho sobre cartão/  
 photograph, found objects and drawing on cardboard  
 100 x 81 cm

Em atividade desde os anos 1990, Alberto Baraya utiliza a fotografia, o vídeo, a escultura, o objeto e o desenho como linguagens de sua obra, de pronunciado viés crítico.

Marcaram o início de sua produção autorretratos irônicos, que utilizam reproduções de pinturas emblemáticas ou criam encenações provocadoras. Mais tarde, em 2003, Baraya lida com a dualidade entre natureza e artifício em sua até então mais conhecida série, *Herbário de plantas artificiais*, exibida inicialmente no Museu de Arte Moderna de Bogotá. O trabalho é fortemente representativo de questões que o inquietam: ao lado de um evidente teor político, há na série um questionamento da racionalidade científica. Isso é ressaltado pela sugestão de novas taxonomias, agregando componentes subjetivos, discutindo identidades e incorporando produtos “residuais” do mercado, como as plantas artificiais. O colecionismo das antigas missões científicas, ali, ganha uma roupagem contemporânea, profundamente crítica.

Alberto Baraya nasceu em 1968 em Bogotá, Colômbia, onde vive e trabalha. Participou de bienais como a 9ª Bienal de Xangai, China (2012), 11ª Bienal de Cuenca, Equador (2011); a 53ª Bienal de Veneza, Itália (2009); a 27ª Bienal de São Paulo, Brasil (2006); a 1ª Bienal de Medellín, Colômbia (1997); a Bienal do Caribe, em Santo Domingo, República Dominicana (2003); e a 4ª Bienal de Bogotá, Colômbia (1994). Teve suas obras expostas internacionalmente em exposições individuais, como *Expediciones pacíficas* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2013), *Expedition Bogotá-Indianapolis* (com Danielle Riede) (Indianapolis Museum of Contemporary Art, Indianapolis, EUA, 2011) e *Herbario de plantas artificiales* (Museo de Arte Moderno La Tertulia, Cali, Colômbia, 2004). Participou de importantes exposições coletivas como *Disrupted nature* (Museum of Latin American Art, Long Beach, EUA, 2013); *El Cazador y la fábrica* (Fundación/Colección Jumex, Cidade do México, México, 2013); *Botánica: after Humboldt* (Centro de Arte y Naturaleza, Huesca, Espanha, 2012); *Play with me* (Museum of Latin American Art, Long Beach, EUA, 2012); *Everything has a Name, or the potential to be named* (Gasworks, Londres, Inglaterra, 2009); *Paraísos indómitos* (Museo de Arte Contemporáneo, Vigo, Espanha, 2008) e *Positions in context: CIFO Grants Program Exhibition* (Cisneros Fontanals Art Foundation, Miami, EUA, 2007).

Suas obras podem ser encontradas em coleções públicas, como: Museum of Latin American Art, Long Beach, EUA; Tamarind Institute, Albuquerque, EUA; United States Information Agency, EUA; Banco de la República, Bogotá, Colômbia; Museo de Arte de la Universidad Nacional de Colombia, Bogotá, Colômbia, e Instituto de la Juventud, Madri, Espanha.

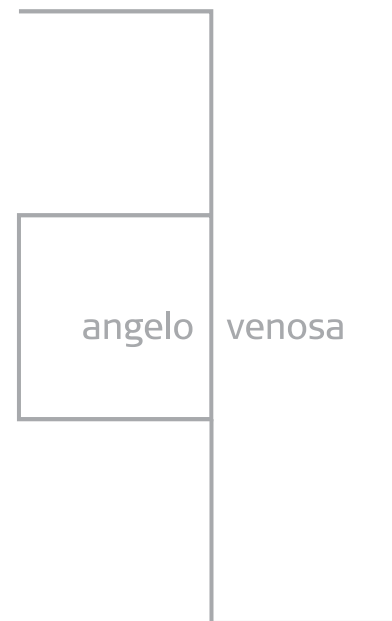
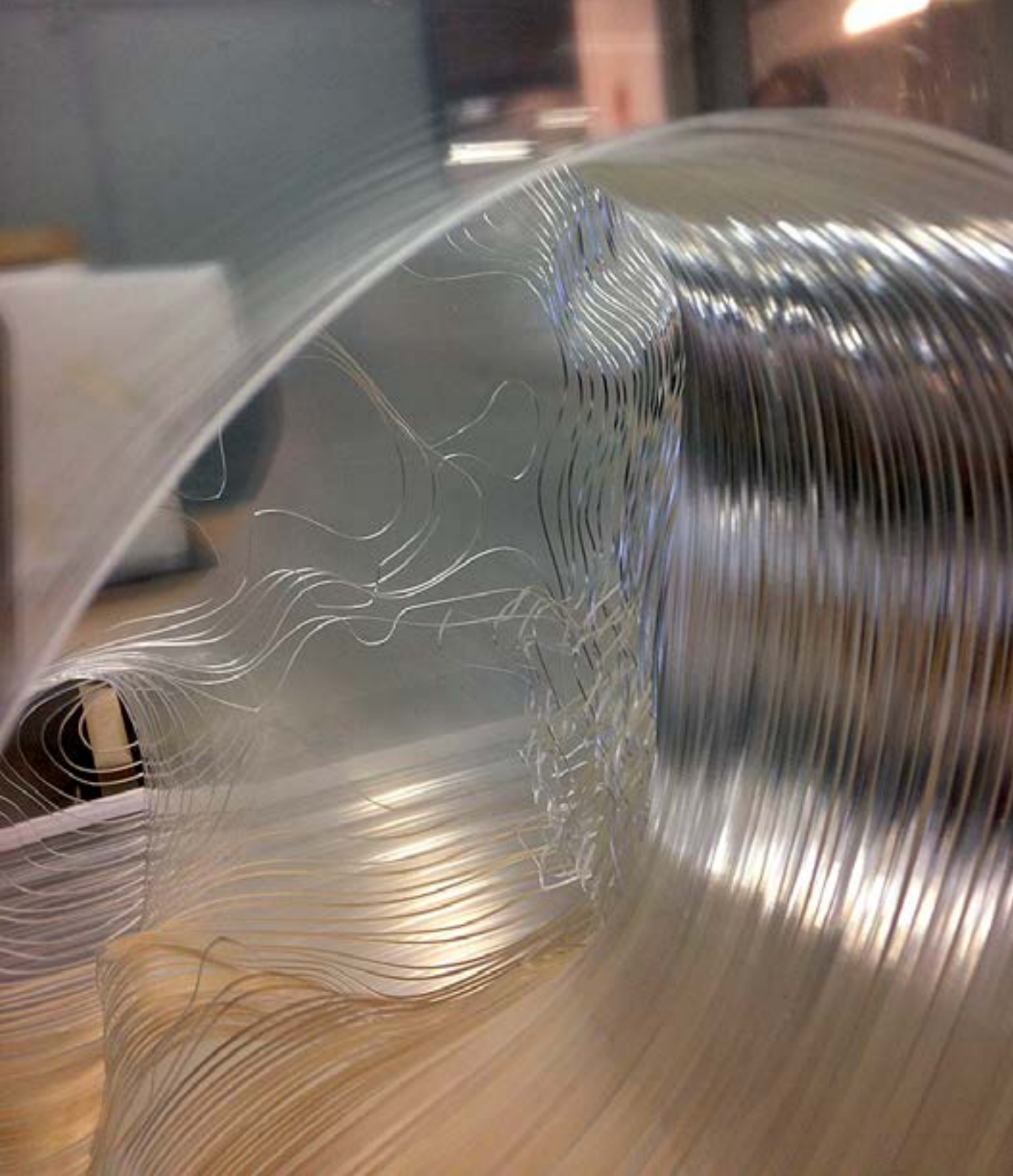
Active since the 1990s, Alberto Baraya uses photography, video, sculpture, objects, and drawing as the languages of his deeply critical work.

His early production is marked by ironic self-portraits which either use reproductions of emblematic paintings or create provocative enactments. Later on, in 2003, Baraya deals with the duality between nature and artifice in his best-known series to date, *Herbário de plantas artificiais*, first shown at the Museum of Modern Art of Bogotá. The work is highly representative of themes which make him restless: aside from its evident political tinge, the series question scientific rationality. That is highlighted by his suggestions of new taxonomies, as he adds subjective components, discusses identities, and incorporates “residual” products of the market such as artificial plants. The collectionism of old scientific missions gets a contemporary, deeply critical reworking.

Alberto Baraya was born in 1968 in Bogotá, Colombia, where he lives and works. He featured in shows such as the 9th Shanghai Biennale, China (2012), 11th Biennial of Cuenca, Ecuador (2011); the 53rd Venice Biennale, Italy (2009); the 27th Bienal de São Paulo, Brazil (2006); the 1st Biennial of Medellín, Colombia (1997); the Biennial of the Caribbean in Santo Domingo, Dominican Republic (2003); and the 4th Biennial of Bogotá, Colombia (1994). His works have featured in international solo shows such as *Expediciones pacíficas* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2013), *Expedition Bogotá-Indianapolis* (with Danielle Riede) (Indianapolis Museum of Contemporary Art, Indianapolis, USA, 2011) and *Herbario de plantas artificiales* (Museo de Arte Moderno La Tertulia, Cali, Colombia, 2004). He has participated in important group shows such as *Disrupted nature* (Museum of Latin American Art, Long Beach, USA, 2013); *El Cazador y la fábrica* (Fundación/Colección Jumex, Mexico DF, Mexico, 2013); *Botánica: after Humboldt* (Centro de Arte y Naturaleza, Huesca, Spain, 2012); *Play with me* (Museum of Latin American Art, Long Beach, USA, 2012); *Everything has a name, or the potential to be named* (Gasworks, London, England, 2009); *Paraísos indómitos* (Museo de Arte Contemporáneo, Vigo, Spain, 2008) and *Positions in context: CIFO Grants Program Exhibition* (Cisneros Fontanals Art Foundation, Miami, USA, 2007).

His works can be found in the public collections of the Museum of Latin American Art, Long Beach, USA; Tamarind Institute, Albuquerque, USA; United States Information Agency, USA; Banco de la República, Bogotá, Colombia; Museo de Arte de la Universidad Nacional de Colombia, Bogotá, Colombia, and Instituto de la Juventud, Madrid, Spain.





Angelo Venosa  
**Sem título / Untitled** 2013  
acrílico / acrylic  
49 x 49 x 160 cm  
detalhe / detail



Angelo Venosa -- **Turdus 170** 2009 / 11 -- acrílico, madeira / acrylic and wood -- 23 x 50 x 11 cm



Angelo Venosa (São Paulo, 1954) vive e trabalha no Rio de Janeiro. Surgiu na cena artística brasileira na década de 1980. É um dos poucos artistas egressos da chamada “Geração 80” dedicados à escultura e não à pintura. Desde então, Venosa lançou as bases de uma trajetória que se consolidou no circuito nacional e internacional. Sua formação em artes visuais inclui estudos na Escola Brasil, em São Paulo (1973), graduando-se no ano seguinte em Desenho Industrial pela ESDI (Escola Superior de Desenho Industrial); nos anos 80 participou de cursos na Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Defendeu, em 2007, sua dissertação de mestrado intitulada “Da Opacidade”, na Pós Graduação da Escola de Belas Artes da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro).

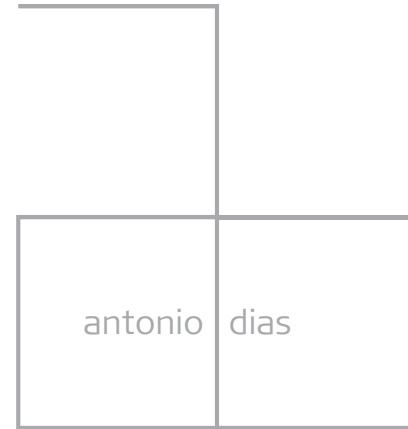
Participou de mostras como a 19ª Bienal Internacional de São Paulo (1987), 45ª Bienal de Veneza (1993), e 5ª Bienal do Mercosul (2005). Em 2012, o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro consagrou-lhe uma mostra individual que seguiu para a Pinacoteca do Estado de São Paulo em 2013, em ocasião do lançamento do segundo livro sobre sua obra pela Cosac Naify.

Coletivas recentes incluem: *O tridimensional no acervo do MAC: uma antologia* (Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2013); *Desenho esquema esboço bosquejo projeto debuxo ou desenho como forma de pensamento* (mostra reinaugural com curadoria de Agnaldo Farias, Gabinete do Desenho, São Paulo, Brasil, 2013); *Experiências contemporâneas* (Espaço Cultural Marcantonio Vilaça, Brasília, Brasil, 2009); *Da visualidade ao conceito 80-90: modernos, pós-modernos, etc.* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2007).

Angelo Venosa arrived in the Brazilian art scene during the 1980s. He is one of the few exceptions in what has been termed “Geração 80” (80’s generation Brazilian artists) who is dedicated exclusively to sculpture rather than painting. According to critic Luiz Camillo Osório, “his shapes carry the estrangement of a will of expression that refuses the eloquence, the adjective. At the same time, there is, in his poetics, an option for materials that carry with them some peculiar speech. His sculpture goes from organic to specular, seeking formalization processes that give some preview of what does not show itself: sometimes it seems to expel what is inside - bones, teeth and skeletal fragments - and sometimes it reflects the inwardness of what is out - as in the series of profiles, windows and mirrors. In this game between inside and outside, what remains is the opacity of what is revealed without being shown.”

Venosa participated in shows such as the 19th Bienal de São Paulo (1987), the 45th Venice Biennale (1993) and the 5th Mercosul Biennial (2005). In 2012, the Museu de Arte Moderna of Rio de Janeiro granted him a major solo show to commemorate 30 years of artistic career. This same exhibition later followed to Pinacoteca do Estado de São Paulo (April 2013), where a publication on his works was launched.

Recent group exhibitions include: *O tridimensional no acervo do MAC: uma antologia* (Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2013); *Desenho esquema esboço bosquejo projeto debuxo ou desenho como forma de pensamento* (reopening exhibition curated by Agnaldo Farias, Gabinete do Desenho, São Paulo, Brasil, 2013); *Experiências contemporâneas* (Espaço Cultural Marcantonio Vilaça, Brasília, Brazil, 2009); *Da visualidade ao conceito 80-90: modernos, pós-modernos, etc.* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2007).



Antonio Dias  
**Sem título / Untitled** 1985  
grafite, madeira, borracha sobre tela /  
graphite, wood, rubber on canvas  
200 x 130 cm

Com um trabalho que transita pela pintura, instalação, fotografia, livro de artista, vídeo e outras técnicas, Antonio Dias é descrito pelo crítico e curador Paulo Herkenhoff como “o nexo principal entre os neoconcretos e os artistas dos anos 1970: entre Hélio Oiticica e Cildo Meireles, Lygia Clark e Tunga, os não objetos e Waltercio Caldas, não se distanciando de Ivens Machado e Iole de Freitas, ou mesmo dos que atuavam nos anos 1960 ao lado de Cildo, como Barrio, Raimundo Colares e Antonio Manuel. Dias tempera a presença da palavra entre a arte conceitual e a tradição da poesia concreta”.

O paraibano Antonio Dias começa seu envolvimento com o universo artístico logo ao se radicar no Rio, no fim da década de 1950, quando tem aulas de gravura com Oswaldo Goeldi (1895-1961). O ano de 1966 marca a criação com maior vigor de trabalhos de cunho conceitual, como a série *The Illustration of Art*. Depois, realiza peças que se apresentam como autorretratos, como *The Art of Transference* (1972) e *A Fly in My Movie* (1974-76). A participação do público em sua obra é, por vezes, intensamente requerida, como na instalação *Faça você mesmo: território liberdade*, de 1968 (presente na 29ª Bienal de São Paulo, 2010).

Antonio Dias nasceu em Campina Grande, Paraíba, em 1944, e vive e trabalha entre Rio de Janeiro e Milão. Participou da Bienal de São Paulo, Brasil, nas edições de 1981, 1994, 1998 e 2010. Entre as exposições coletivas recentes estão *Mitologias por procuração* (Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2013); *Biografia incompleta* (Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Niterói, Brasil, 2013); *América do Sul, a pop arte das contradições* (Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 2013); *Arte & política: enfrentamentos, combates e resistências* (Memorial Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, Brasil, 2013); *O agora, o antes: uma síntese do acervo do MAC* (Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2013); *O colecionador: vontade construtiva* (Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brasil, 2013); *O abrigo e o terreno* (Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brasil, 2013), *Pop, realismo e política* (Galleria d'Arte Moderna e Contemporanea, Bergamo, Itália, 2013); *Circuitos cruzados* (Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2013); *Order, chaos, and the space between* (Phoenix Art Museum, Phoenix, EUA) e *Open work* (Hunter College, Nova Iorque, EUA, 2013). Suas recentes mostras individuais incluem: *In conversation: Hans-Michael Herzog and Antonio Dias* (Museum of Fine Arts, Houston, EUA, 2012); *Anywhere is my land* (Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2010).

Possui obras em coleções públicas internacionais como: Museum of Modern Art, Nova Iorque, EUA; Ludwig Museum, Colônia, Alemanha; Daros Collection, Zurique, Suíça; Stadtische Galerie im Lenbachhaus, Munique, Alemanha; Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina; Fondazione Marconi, Milão, Itália; e Centro Studi e Archivio della Comunicazione, Università de Parma, Itália. Sua obra está representada em coleções nacionais como: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro; Museu de Arte Contemporânea do Paraná, Curitiba; Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro; Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo; Itaú Cultural, São Paulo; Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo; Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo; Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães, Recife; Museu de Arte Contemporânea de Niterói / Coleção Sattamini, Niterói; e Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, São Paulo.

With productions that straddle the boundaries of painting, installation, photography, artist book, video, and other techniques, Antonio Dias is described by the critic and curator Paulo Herkenhoff as “the main link between the neo-concretists and the artists of the 1970s: between Hélio Oiticica and Cildo Meireles, Lygia Clark and Tunga, the non-objects and Waltercio Caldas, and not far from Ivens Machado and Iole de Freitas, or even those who worked alongside Meireles in the 1960s, such as Barrio, Raimundo Colares, and Antonio Manuel. Dias spices up the presence of the word, in-between conceptual art and the tradition of concrete poetry.”

A native of Paraíba State, Antonio Dias first became involved in the artistic universe as soon as he settled in Rio de Janeiro, in the late 1950s, when he studied engraving under Oswaldo Goeldi (1895-1961). The year 1966 saw a stronger trend of conceptual artwork, such as *The Illustration of Art series*. Later on, he created pieces which were presented as self-portraits, such as *The Art of Transference* (1972) and *A Fly in My Movie* (1974-76). In his work, audience participation is at times intensely called for, as in the 1968 installation *Faça você mesmo: território liberdade*, featured in the 29th Bienal de São Paulo, in 2010.

Antonio Dias was born in 1944 in Campina Grande, Paraíba, and lives and works between Rio de Janeiro and Milan. He participated in the Bienal de São Paulo in 1981, 1994, 1998, and 2010. Recent group exhibitions *Mitologias por procuração* (Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brazil, 2013); *Biografia incompleta* (Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Niterói, Brazil, 2013); *América do Sul, a pop arte das contradições* (Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brazil, 2013); *Arte & política: enfrentamentos, combates e resistências* (Memorial Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, Brazil, 2013); *O agora, o antes: uma síntese do acervo do MAC* (Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brazil, 2013); *O colecionador: vontade construtiva* (Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brazil, 2013); *O abrigo e o terreno* (Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brazil, 2013), *Pop, realismo e política* (Galleria d'Arte Moderna e Contemporanea, Bergamo, Italy, 2013); *Circuitos cruzados* (Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brazil, 2013); *Order, chaos, and the space between* (Phoenix Art Museum, Phoenix, USA) e *Open work* (Hunter College, New York, USA, 2013). Recent solo shows include: *In conversation: Hans-Michael Herzog and Antonio Dias* (Museum of Fine Arts, Houston, USA, 2012); *Anywhere is my land* (Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil, 2010).

His works can be found in important international collections such as: Museum of Modern Art, New York, USA; Ludwig Museum, Cologne, Germany; Daros Collection, Zurich, Switzerland; Stadtische Galerie im Lenbachhaus, Munich, Germany; Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina; Fondazione Marconi, Milan, Italy; and Centro Studi e Archivio della Comunicazione, Università de Parma, Italy and renowned national collections which include: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro; Museu de Arte Contemporânea do Paraná, Curitiba; Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro; Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo; Itaú Cultural, São Paulo; Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo; Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo; Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães, Recife; Museu de Arte Contemporânea de Niterói / Coleção Sattamini, Niterói; and Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, São Paulo.





artur lescher

Artur Lescher  
**Sem título / Untitled** 2013  
cobre / copper  
306 x 9 cm

O paulistano Artur Lescher destaca-se no atual panorama da arte contemporânea brasileira por suas obras tridimensionais. São trabalhos que excedem o caráter de esculturas, cruzam as linguagens da instalação e do objeto para modificar a compreensão destas e do espaço em que se inserem.

Lescher obteve reconhecimento em âmbito nacional a partir de sua participação na 19ª Bienal de São Paulo, em 1987, onde apresentou *Aerólitos*, obra que consiste em dois balões de onze metros de comprimento, um dentro do pavilhão da mostra e o outro colocado na área externa, em diálogo. Em 2002, para a 25ª Bienal de São Paulo, cria *Indoor Landscape*, dois módulos de formas regulares instalados no chão, um de madeira e o outro constituído de lona e água, que criam um espaço de atrito no interior do edifício projetado por Oscar Niemeyer. Ao justapor sólidas estruturas geométricas e materiais que guardam características de impermanência ou inconstância, como água, azeite e sal, Lescher enfatiza a imponderabilidade. Ou “a inquietude”, como observou o crítico e curador Agnaldo Farias em relação a “suas peças, que contrariam a aparência exata e limpa”.

Nascido em São Paulo em 1962, Artur Lescher participou da Bienal de São Paulo, nas edições de 1987 e 2002, e da Bienal do Mercosul, Porto Alegre, em 2005, todas no Brasil. Participações em exposições coletivas recentes incluem: *Circuitos cruzados* (Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2013); *Paisagem incompleta* (Centro Cultural da Usiminas, Ipatinga, Brasil, 2010); *Memorial revisitado – 20 anos* (Memorial da América Latina, São Paulo, Brasil, 2009); *Quase líquido* (Itaú Cultural, São Paulo, Brasil, 2008); e *80/90 modernos pós-modernos, etc.* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2007). Exposições individuais recentes incluem: *Inabsência* (Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2012), *Galeria del Paseo* (Punta del Este, Uruguai, 2012); e *Rio máquina* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2010).

Tem obras em importantes coleções públicas como: Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil; Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil; Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina; Museum of Fine Arts, Houston, EUA; e Philadelphia Museum of Art, Philadelphia, EUA.

The São Paulo-born Artur Lescher stands out in the contemporary Brazilian art scene with his three-dimensional work. His pieces transcend their sculptural character, crossbreeding the boundaries of installations and objects to modify the understanding of these categories and the space in which they insert themselves.

Lescher gained nationwide recognition after participating in the 19th Bienal de São Paulo, in 1987, in which he presented *Aerólitos*, a work consisting of two 11-meter-long balloons, one in the biennial pavilion and the other in an external area, which converse with one another. In 2002, he created *Indoor Landscape* for the 25th Bienal de São Paulo, comprising two regular-shaped modules set on the floor, one made of wood and the other made of tarpaulin and water, which create a space of attrition inside the building designed by Oscar Niemeyer. By juxtaposing solid geometrical structures and materials with characteristics of impermanence or changeability, such as water, olive oil, and salt, Lescher emphasizes imponderability. Or “the restlessness,” as the critic and curator Agnaldo Farias remarked in relation to “his pieces, which oppose an exact, clean appearance.”

Born in 1962 in São Paulo, Artur Lescher participated in the 1987 and 2002 editions of the Bienal de São Paulo and in the 2005 Mercosul Biennial, in Porto Alegre, all in Brazil. Recent group shows include: *Circuitos cruzados* (Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brazil, 2013); *Paisagem incompleta* (Centro Cultural da Usiminas, Ipatinga, Brazil, 2010); *Memorial revisitado – 20 anos* (Memorial da América Latina, São Paulo, Brazil, 2009); *Quase líquido* (Itaú Cultural, São Paulo, Brazil, 2008); and *80/90 modernos pós-modernos, etc.* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2007). Some of his latest solo shows include: *Inabsência* (Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil, 2012), *Galeria del Paseo* (Punta del Este, Uruguay, 2012); and *Rio máquina* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2010).

His works are included in major public collections such as those of the Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil; Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brazil; Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina; Museum of Fine Arts, Houston, USA; and Philadelphia Museum of Art, Philadelphia, USA.



brígida baltar

Brígida Baltar  
**Renda cobogó** 2012  
pó de tijolo moldado com resina e molde de silicone e caixa de madeira / brick dust molded with resin, silicone mold, wooden box  
33,5 x 25 cm





Brígida Baltar  
**Floresta vermelha # 6** 2012  
pó de tijolo sobre papel / brick dust on paper  
110 x 179 cm  
detalhe / detail

O trabalho de Brígida Baltar, que cruza fronteiras entre escultura, desenho, instalação e performance, envolve, nas palavras da curadora Lisette Lagnado, um “processo de fabulação” que alude ao retorno de uma narrativa pré-industrial e primitiva.

Brígida Baltar começa a desenvolver sua obra nos anos 1990, criando uma poética a partir de elementos pessoais, como a casa em que ela própria morou, no bairro de Botafogo, zona sul do Rio. Torre, de 1996, traz a artista envolta em tijolos retirados de sua própria residência. Já Abrigo, de 1996, consiste em uma ação da artista que escava uma das paredes de sua casa na forma de sua silhueta, inserindo-se, depois, nessa espécie de casulo. O crítico britânico Guy Brett enxerga uma evidente relação entre o trabalho de Brígida e o modo como Hélio Oiticica e Lygia Clark abordavam a questão de moradia e habitação, mas, para ele, “Brígida Baltar assume um lugar próprio diante de uma condição compartilhada por todos nós”. A produção recente da artista apresenta uma depuração de questões investigadas anteriormente: em 2005, por exemplo, cria livros/objetos feitos de pó de tijolo e intitulados Utopias e Devaneios. Ou, também com pó de tijolos, os desenhos Floresta vermelha, de 2006.

Brígida Baltar (1959) nasceu, vive e trabalha no Rio de Janeiro. Entre as mostras coletivas de que participou estão a 25ª Bienal de São Paulo (2002); a 17ª Bienal de Cerveira, em Cerveira, Portugal (2013); *The Nature of things – Biennial of the Americas*, em Denver, EUA (2010); *Panorama de Arte Brasileira* (2007) e a 5ª Bienal de Havana, Cuba (1994). Entre as principais exposições no exterior: *SAM Project* (Paris, França, Inglaterra, 2007); *An indoor heaven* (Firstsite, Colchester, 2006); *The peripatetic school: itinerant drawing from Latin America* (Middlesbrough Institute of Modern Art, England, 2011); *Museo de Arte del Banco de la República*, Bogotá, Colômbia, 2012); *Marginália – d’après Edgar Allan Poe* (Plataforma Revolver, Lisboa, Portugal, 2010); *Constructing views: experimental film and video from Brazil* (New Museum, Nova York, EUA, 2010); *After utopia* (Centro per l’Arte Contemporanea Luigi Pecci, Prato, Itália, 2009); *In search of the miraculous* (University Gallery of Essex, Colchester, 2007); *L’autre Amérique* (Passage de Retz, Paris, França, 2005); e *Untitled* (Santa Barbara Contemporary Arts Forum, Santa Barbara, EUA, 2005).

Suas obras integram acervos como: Coppel Collection, Cidade do México, México; Museu of Contemporary Art, Cleveland, EUA; Fundação Joaquim Nabuco, Recife, Brasil; Middlesbrough Institute of Modern Art, Middlesbrough, Inglaterra; Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil; entre outras.

The work of Brígida Baltar straddles the boundaries between sculpture, installation, object, and, to a certain extent, drawing and performance, as it involves, in the words of curator Lisette Lagnado, “a fabulation process [which] alludes to the comeback of a preindustrial, childlike, primitive narrative.”

Brígida Baltar began developing her art in the 1990s, creating a poetics out of personal elements such as the house in which she lived, in Botafogo, a neighborhood in the south side of Rio de Janeiro. Torre, from 1996, features the artist wrapped in bricks taken from her own residence. In Abrigo, also from 1996, the artist carves her own silhouette into a wall in her home, and then enters this cocoon of sorts. British critic Guy Brett sees a clear-cut link between Baltar’s work and the way in which Hélio Oiticica and Lygia Clark dealt with the issue of housing and shelter, but to him “Brígida Baltar takes her own place in the face of a condition shared by all of us.” The artist’s recent output shows a refinement of previously investigated issues: in 2005, for instance, she created book-objects made from brick dust, entitled Utopias e devaneios. Or else, the 2006 Floresta vermelha drawings, also made from brick dust.

Brígida Baltar (1959) was born, lives, and works in Rio de Janeiro. Group shows include the 25th Bienal de São Paulo (2002); The 17th Cerveira Biennial, in Cerveira, Portugal (2013); *The Nature of things – Biennial of the Americas*, in Denver, USA (2010); *Panorama de Arte Brasileira* (2007) and the 5th Havana Biennial, Cuba (1994). Selected foreign exhibitions include: *SAM Project* (Paris, France, 2012); *The peripatetic school: itinerant drawing from Latin America* (Middlesbrough Institute of Modern Art, England, 2011); *Museo de Arte del Banco de la República*, Bogotá, Colombia, 2012); *Marginália – d’après Edgar Allan Poe* (Plataforma Revolver, Lisbon, Portugal, 2010); *Constructing views: experimental film and video from Brazil* (New Museum, New York, USA, 2010); *After utopia* (Centro per l’Arte Contemporanea Luigi Pecci, Prato, Italy, 2009); *In search of the miraculous* (University Gallery of Essex, Colchester, 2007); *An indoor heaven* (Firstsite, Colchester, England, 2006); *L’autre Amérique* (Passage de Retz, Paris, France, 2005); and *Untitled* (Santa Barbara Contemporary Arts Forum, Santa Barbara, USA, 2005).

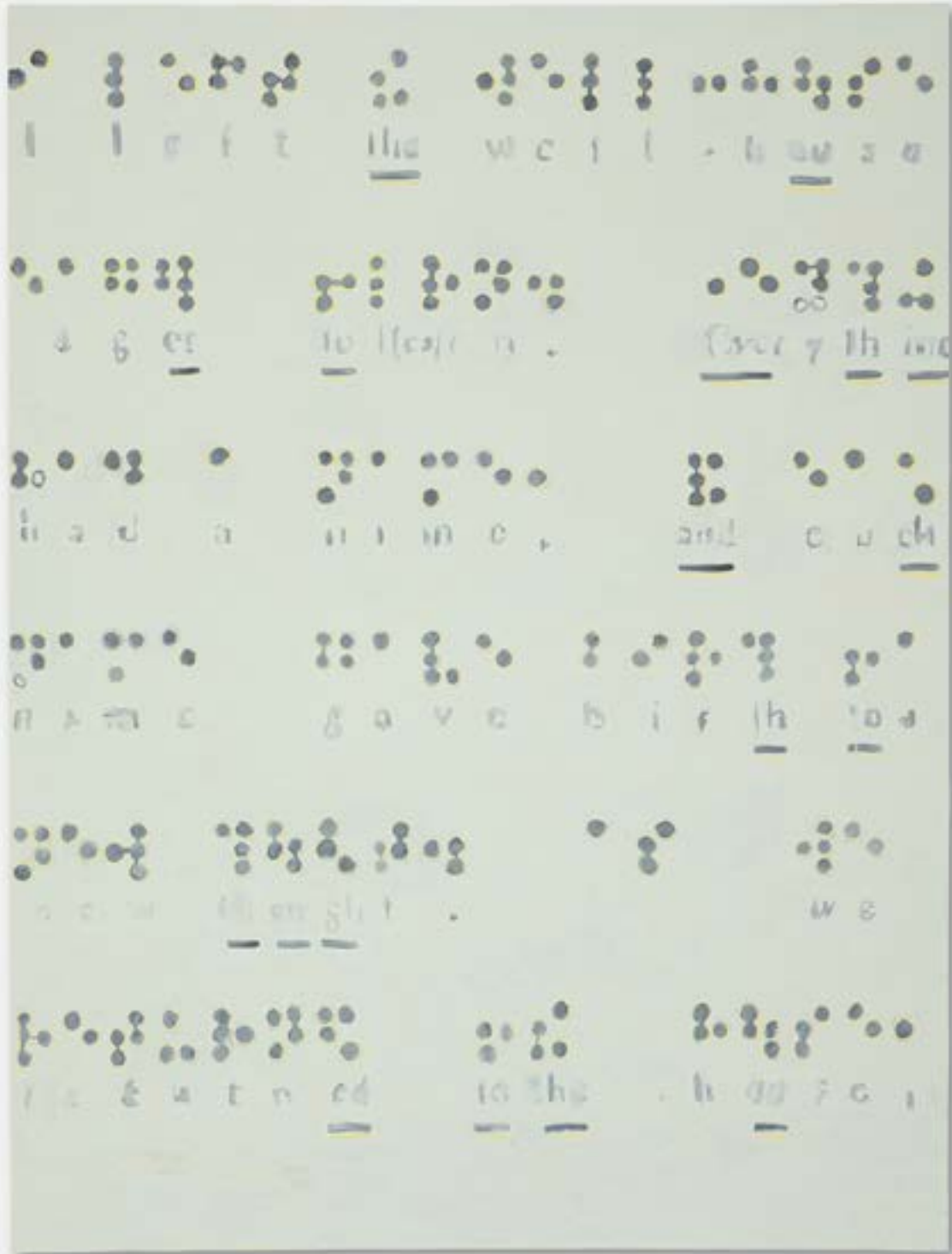
Her works integrate collections such as: Coppel Collection, Mexico D.F., Mexico; Museu of Contemporary Art, Cleveland, USA; Fundação Joaquim Nabuco, Recife, Brazil; Middlesbrough Institute of Modern Art, Middlesbrough, England; Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brazil; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brazil; Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil; among others.

bruno dunley



Bruno Dunley  
Sem título "**números**" 2012  
óleo sobre tela / oil on canvas  
60 x 66 cm





Bruno Dunley  
**Braille** 2013  
óleo sobre tela / oil on canvas  
200 x 150 cm

A obra de Bruno Dunley questiona a premissa pictórica da pintura, particularmente no que diz respeito às relações entre representação e uma consciência individual e coletiva. Partindo tanto de imagens encontradas quanto fictícias, suas pinturas começam como composições cuidadosamente construídas, lentamente sofrendo correções que, às vezes, revelam lacunas na aparente continuidade da percepção. Inserido em uma nova geração de pintores brasileiros chamada 2000e8, Dunley parte de fotografias mas foge da indexicalidade, focando em volume, no jogo de cores em proximidade entre si, formando imagens por meio de camadas de borrões. A predominância desta linguagem visual minimalista acarreta uma qualidade meditativa a algumas de suas pinturas, nas quais constantemente uma única cor domina todo o plano.

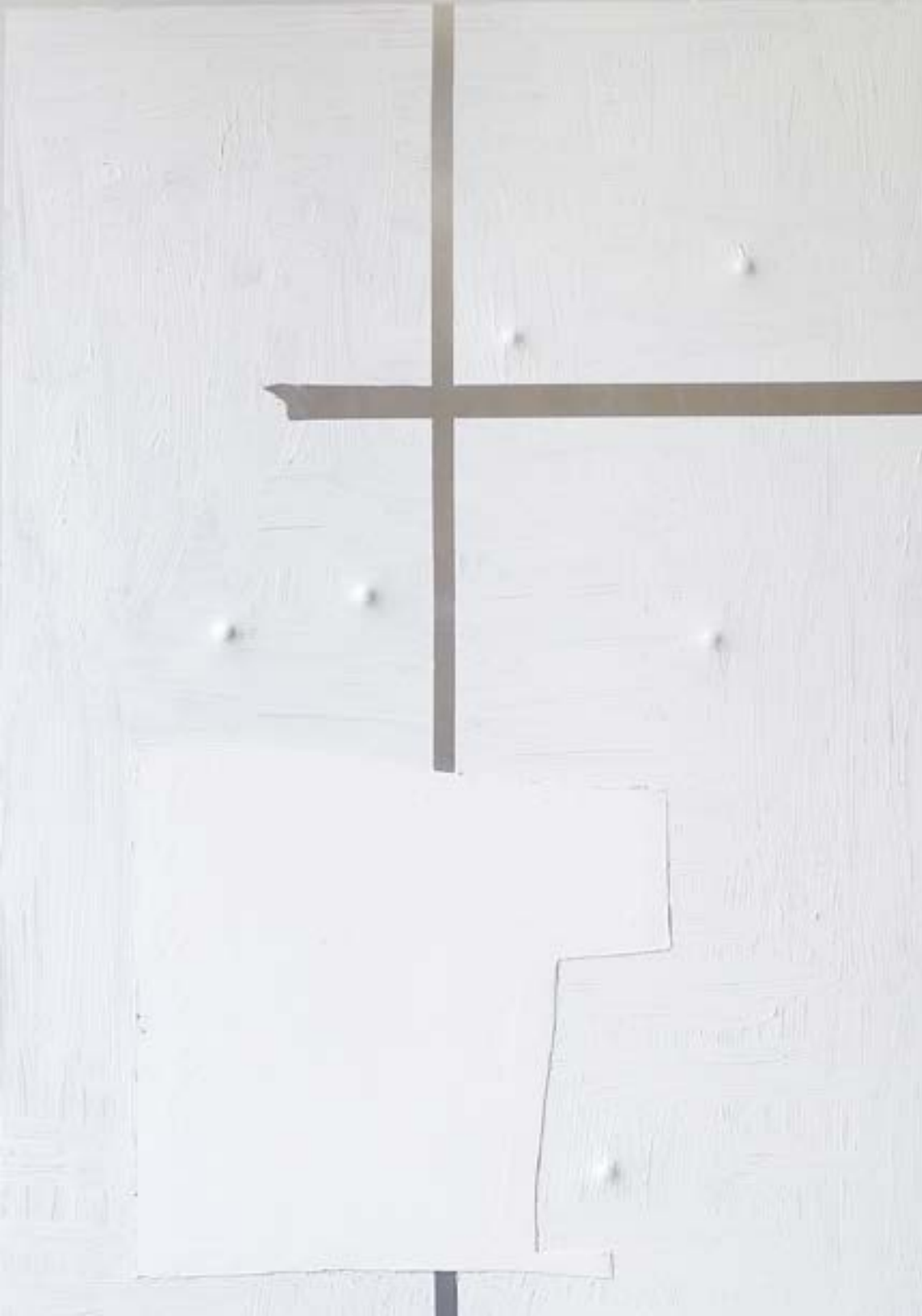
Como enunciado pelo artista, “O que eu pinto são aproximações, formas poéticas que falam da incerteza e da dúvida que creio serem parte de minha poesia. Eu vejo meu trabalho como uma série de perguntas e afirmações sobre as possibilidades da pintura, sobre o que é, e o que esperamos dela”. Nas pinturas de Dunley, promessas são feitas e conseqüentemente quebradas, testando os limites da tensão do observador. Noções preconcebidas de pintura e composição, no trabalho de Bruno Dunley, são incessantemente desafiadas de maneiras surpreendentes.

Bruno Dunley nasceu em Petrópolis, em 1984. Vive e trabalha em São Paulo. Exposições recentes incluem a individual e (Centro Universitário Maria Antonia, São Paulo, 2013) e *Bruno Dunley* (11 Bis, Paris, França, 2012); assim como as coletivas *Os primeiros 10 anos* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2011); *Assim é se lhe parece* (Paço das Artes, São Paulo, Brasil, 2011); e *Paralela 2010* (Liceu de Artes e Ofícios, São Paulo, Brasil, 2010).

Bruno Dunley's works question the pictorial premise of painting, in particular, the relations between representation and an individual and collective consciousness. Departing from either found or fictional images, his paintings start as carefully constructed compositions, slowly suffering erasure which, at times, reveal gaps in the apparent continuity of perception. Part of a new generation of Brazilian painters named 2000e8, he departs from photographs but removes its indexical quality, focusing more on volume and the play of colors in proximity to each other in order to create figures through layers of effacement. The predominance of this minimalist visual language lends a meditative quality to some of his paintings in which, very often, a single color dominates the whole plane.

As he comments “What I paint are approximations, poetic figures, which speak to the uncertainty and the doubt that I think are part of my poetry, I see my work as a series of questions and statements about the possibilities of painting, what it is, and what we expect from it.” In his works, promises are constructed and consequently broken, taking the viewer into a game of tension where both work and viewer constantly test each others limits. Preconceived notions of painting and composition, in the work of Bruno Dunley, are incessantly challenged in surprising ways.

Bruno Dunley was born in Petrópolis, Brazil (1984). Lives and works in São Paulo. Recent exhibitions include the solo e (Centro Universitário Maria Antonia, São Paulo, Brasil, 2013) and *Bruno Dunley* (11 Bis, Paris, France, 2012); as well as the group shows *Os primeiros 10 anos* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2011); *Assim é se lhe parece* (Paço das Artes, São Paulo, Brazil, 2011); and *Paralela 2010* (Liceu de Artes e Ofícios, São Paulo, Brazil, 2010).



carlito carvalhosa

Carlito Carvalhosa  
**sem título, P31/13 / untitled, P31/13** 2013  
óleo sobre alumínio / oil on aluminum  
200 x 100 cm  
detalhe / detail

A obra de Carlito Carvalhosa envolve predominantemente pintura e escultura, de uma maneira que atribui profunda eloquência à materialidade do meio, sem por isso deixar de transcendê-lo e abordar questões mais amplas. Nas palavras do curador e crítico Rodrigo Naves, “o movimento que [o artista] conduz de um vínculo direto entre forma e matéria – seja ele mais construtivo ou mais expressivo – à sua dissociação irremediável também incorpora muito dos percalços por que vem passando a forma contemporânea”.

Ainda na década de 1980, Carvalhosa integrou o Grupo Casa 7, de São Paulo, com Rodrigo Andrade, Fábio Miguez, Nuno Ramos e Paulo Monteiro. Como eles, produziu pinturas de grandes dimensões, com ênfase no gesto pictórico. No fim dos anos 1980, realizou quadros com cera pura ou misturada a pigmentos. Posteriormente, passou a realizar esculturas com materiais diversos e predominantemente de aparência orgânica e maleável. Em meados da década de 1990, realizou as “ceras perdidas” e esculturas de porcelana. Carlito Carvalhosa vem buscando expandir de diferentes formas os campos das pesquisas pictóricas e escultóricas, seja nas suas esculturas em gesso, seja nas pinturas sobre espelhos, que o curador Paulo Venancio Filho descreve como “pinturas que colocam nossa presença dentro delas”.

Nascido em São Paulo em 1961, Carlito Carvalhosa vive e trabalha no Rio de Janeiro. Participou da 18ª Bienal de São Paulo, Brasil (1985); da Bienal de Havana, Cuba (1986 e 2012); e da Bienal do Mercosul, em Porto Alegre, Brasil (2001 e 2009). Entre suas exposições coletivas recentes estão: *Trienal no Alentejo* (Alentejo, Portugal, 2013); *Brasil vívido* (S|2, Nova Iorque, EUA, 2013); *As tramas do tempo na arte contemporânea: estética ou poética?* (Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brasil, 2013); *Rio de imagens* (Museu de Arte do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 2013); *Más allá de la xilografía* (Museo de la Solidaridad Salvador Allende, Santiago, Chile, 2012); *Experimentando espaços* (Museu da Casa Brasileira, São Paulo, Brasil, 2009); *Poética da percepção* (Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 2008); e *Da visualidade ao conceito* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2007). Entre suas últimas mostras individuais estão: *Sala de espera* (Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2013); *Sum of days* (Museum of Modern Art, Nova Iorque, EUA, 2011), e *A soma dos dias* (Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2010).

Suas obras fazem parte de coleções públicas brasileiras como: Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo; Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo; e Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, entre outras.

The work of Carlito Carvalhosa predominantly involves painting and sculpture, ascribing deep eloquence to the materiality of the medium, and all the while transcending it to tackle broader issues. In the words of curator and critic Rodrigo Naves, “the movement that [the artist] conducts from a direct form-matter link—be it more constructive or more expressive—to its irremediable dissociation also incorporates many of the obstacles which contemporary art is being faced with.”

In the 1980s, Carvalhosa was a member of the São Paulo-based collective Grupo Casa 7, alongside Rodrigo Andrade, Fábio Miguez, Nuno Ramos, and Paulo Monteiro. Like his colleagues, he produced large paintings with an emphasis on the pictorial gesture. In the late 1980s he made pictures using wax, either pure or mixed with pigments. Afterwards, he started making sculptures out of diverse materials, mostly organic- and malleable-looking ones. In the mid-1990s he made his “lost waxes” and porcelain sculptures. Carlito Carvalhosa sets out to expand the fields of pictorial and sculptural research in different ways, be it in his gypsum sculptures, be it in his paintings on mirrors, which the curator Paulo Venancio Filho has described as “paintings which put our presence within them.”

Born in 1961 in São Paulo, Carlito Carvalhosa lives and works in Rio de Janeiro. He featured in the 18th Bienal de São Paulo, Brazil (1985); the Havana Biennial, in Cuba (1986 and 2012); and the Mercosul Biennial, in Porto Alegre, Brazil (2001 and 2009). Recent group shows include: *Trienal no Alentejo* (Alentejo, Portugal, 2013); *Brasil vívido* (S|2, New York, USA, 2013); *As tramas do tempo na arte contemporânea: estética ou poética?* (Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brazil, 2013); *Rio de imagens* (Museu de Arte do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brazil, 2013); *Más allá de la xilografía* (Museo de la Solidaridad Salvador Allende, Santiago, Chile, 2012); *Experimentando espaços* (Museu da Casa Brasileira, São Paulo, Brazil, 2009); *Poética da percepção* (Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brazil, 2008); and *Da visualidade ao conceito* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2007). Recent solo shows include: *Sala de espera* (Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brazil, 2013); *Sum of days* (Museum of Modern Art, New York, USA, 2011), and *A soma dos dias* (Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil, 2010).

His work is included in Brazilian public collections such as those of the Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo; Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo; e Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, among others.





cao guimarães

Cao Guimarães  
**Drawing** 2011  
vídeo digital Full HD /  
digital video Full HD  
1'11"





Cao Guimarães  
**Sculpting** 2009  
vídeo digital Full HD /  
digital video Full HD  
6' 30"

Cao Guimarães é um dos nomes brasileiros de maior êxito no cruzamento entre o cinema e as artes plásticas. Suas obras podem ser consideradas audiovisuais expandidos, em que o que não é visto, mas apenas insinuado, tem presença marcante, e nos quais, como descreve a curadora Lisette Lagnado, "todo acidente sobrevive à sua própria morte, dando uma reviravolta ao nonsense da inelutável obsolescência", como se as imagens criassem prolongamentos ao redor de si.

A intensa produção de Cao Guimarães desde o final dos anos 1990 já transitou em festivais dedicados ao cinema, como Locarno, na Suíça, Sundance, nos EUA, e Cannes, na França, entre outros, e também em mostras de arte como a Bienal de São Paulo, evento do qual participou em 2002 e 2006. Sua produção em fotografia também merece destaque, em especial a série *Gambiarras*, que serviu como mote para um dos eixos do Panorama da Arte Brasileira, em 2007, com curadoria de Moacir dos Anjos, no Museu de Arte Moderna de São Paulo. Ali, a capacidade de improvisação gera estranhamentos capazes de reinventar o olhar para objetos e situações prosaicos. Guimarães também é autor de documentários como *Andarilho* e *A alma do osso*, além de *Acidente* (em parceria com Pablo Lobato).

O artista nasceu em Belo Horizonte, em 1965, onde vive e trabalha. Participou das 25ª e 27ª edições da Bienal de São Paulo, Brasil (2002 e 2006); da 8ª Bienal do Mercosul, em Porto Alegre, Brasil (2011); da 6ª Bienal de Montreal, Canadá (2009); e da Bienal de Arquitetura e Urbanismo de Shenzhen, China (2011). Participou de importantes exposições coletivas como: *Blind field* (Eli and Edythe Broad Art Museum, East Lansing, EUA, 2013); *Turn off the sun: selections from La Colección Jumex* (Arizona State University Art Museum, Tempe, EUA, 2013); *Eloge du vertige* (Maison Européenne de la Photographie, Paris, França, 2012); *Premiere Brazil!* (Museum of Modern Art, Nova Iorque, EUA, 2011); e *O fim do sem fim* (Seoul International Media Art Biennale, Seul, Coreia do Sul, 2010). Exposições individuais recentes incluem: *Ver é uma fábula* (Itaú Cultural, São Paulo, Brasil, 2013); *Estética da gambiarra* (Casa das Cavalariças, Rio de Janeiro, Brasil, 2012); *Cao Guimarães* (Galerie Xippas, Paris, França, 2011); e *A alma do osso* (Instituto Moreira Salles, Rio de Janeiro, Brasil, 2010).

Suas obras fazem parte de coleções permanentes como: Museum of Modern Art, Nova Iorque, EUA; Guggenheim Museum, Nova Iorque, EUA; Museo de Arte Thyssen-Bornemisza, Madri, Espanha; Instituto Inhotim, Brumadinho, Brasil; e Julia Stoschek Collection, Düsseldorf, Alemanha; entre outras.

Cao Guimarães ranks among the most successful Brazilian names at the crossroads of film and the visual arts. His works may be considered expanded audiovisual pieces, in that what is not seen but only implied has a striking presence, and as the curator Lisette Lagnado has put it, "every accident survives its own death, causing the nonsense of inescapable obsolescence to be turned around," as though the images were creating prolongations around themselves.

Cao Guimarães' intense output from the late 1990s onwards has been featured in festivals dedicated to film, such as Locarno, in Switzerland, Sundance, in the USA, and Cannes, in France, among others, and in art shows such as the Bienal de São Paulo, in which he participated in 2002 and 2006. His photographic production is also noteworthy, in particular the *Gambiarras* series, which was the theme of a segment in the Panorama da Arte Brasileira, in 2007, curated by Moacir dos Anjos at MAM-SP. Here, the ability to improvise gives rise to instances of strangeness which are capable of reinventing our gaze of commonplace objects and situations. Guimarães is also the author of documentaries such as *Andarilho* and *A alma do osso*, in addition to *Acidente* (in partnership with Pablo Lobato).

The artist was born in 1965 in Belo Horizonte, where he lives and works. He featured in the 25th and 27th editions of the Bienal de São Paulo, Brazil (2002 and 2006); the 8th Mercosul Biennial, in Porto Alegre, Brazil (2011); the 6th Montreal Biennale, in Canada (2009); and the Biennial of Architecture and Urbanism in Shenzhen, China (2011). He has also participated in major group shows such as *Blind field* (Eli and Edythe Broad Art Museum, East Lansing, USA, 2013); *Turn off the sun: selections from La Colección Jumex* (Arizona State University Art Museum, Tempe, USA, 2013); *Eloge du vertige* (Maison Européenne de la Photographie, Paris, France, 2012); *Premiere Brazil!* (Museum of Modern Art, New York, USA, 2011); and *O fim do sem fim* (Seoul International Media Art Biennale, Seoul, South Korea, 2010). Recent solo shows include: *Ver é uma fábula* (Itaú Cultural, São Paulo, Brazil, 2013); *Estética da gambiarra* (Casa das Cavalariças, Rio de Janeiro, Brazil, 2012); *Cao Guimarães* (Galerie Xippas, Paris, France, 2011); and *A alma do osso* (Instituto Moreira Salles, Rio de Janeiro, Brazil, 2010).

His works are included in the permanent collections of the Museum of Modern Art, New York, USA; Guggenheim Museum, New York, USA; Museo de Arte Thyssen-Bornemisza, Madrid, Spain; Instituto Inhotim, Brumadinho, Brazil; and Julia Stoschek Collection, Düsseldorf, Germany; among others.





Cristina Canale -- **Plasma** 2013 -- acrílica sobre tela / acrylic on canvas -- 165 x 140 cm -- detalhe / detail

cristina canale



A pintura de Cristina Canale revela traços bastante singulares, notadamente a maneira como os elementos figurativos da composição estão sempre na iminência de se diluírem em pura abstração. Suas paisagens parecem retratar um mundo fluido, em que uns poucos elementos reconhecíveis surgem por entre campos de cor que se justapõem – e de maneira harmônica, não obstante a ampla variedade de cores que emprega.

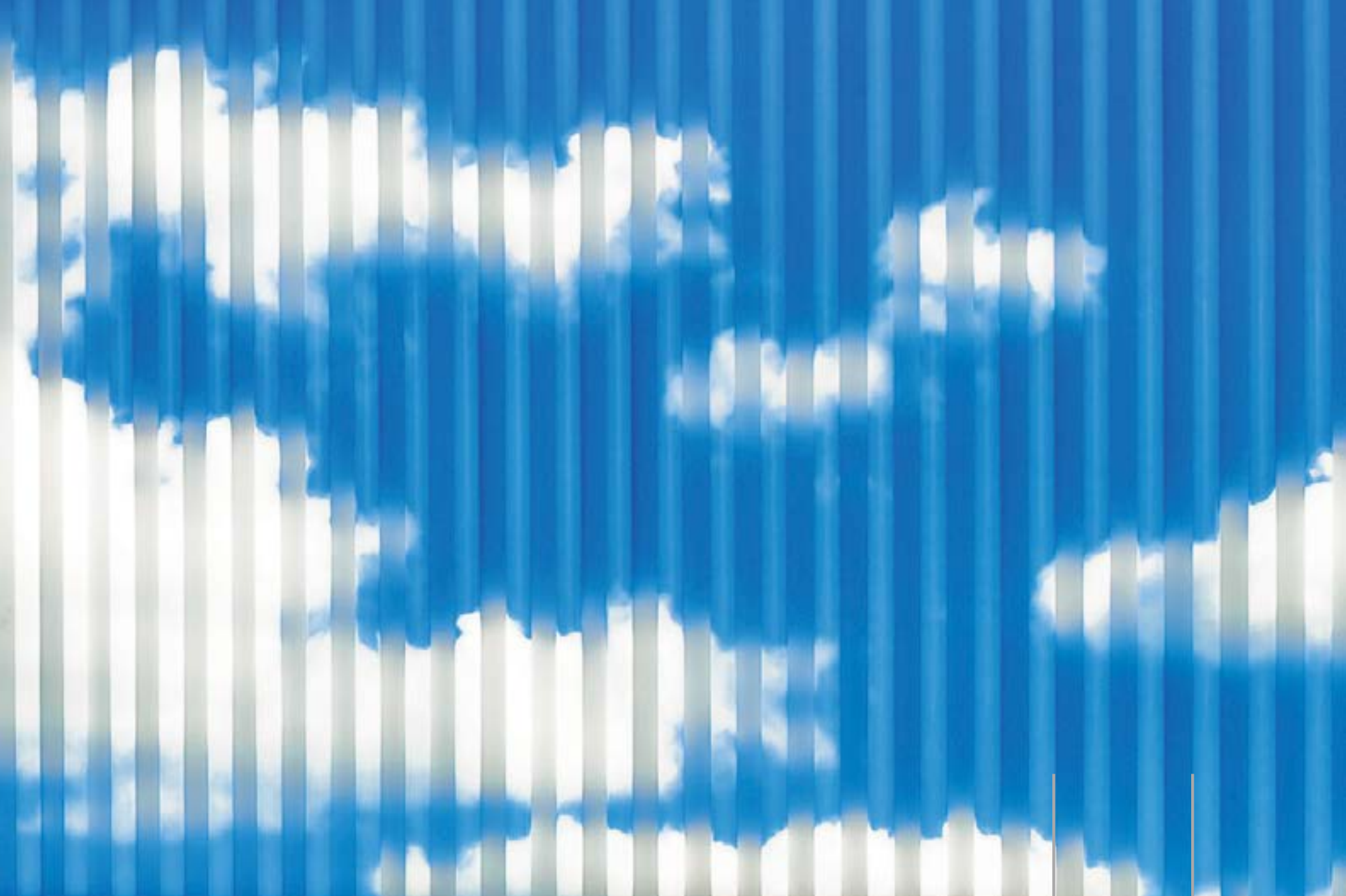
Com suas massas cromáticas e densa materialidade, a obra de Cristina Canale responde, a sua maneira, aos intensos debates que embasam a pintura alemã do final do século XX, e, de maneira mais geral, está sintonizada com as problemáticas da produção contemporânea para além da pintura. Para o curador Tiago Mesquita, a produção de Canale contrapõe-se à busca pelas estruturas de constituição da imagem por parte de artistas como Gerhard Richter e Robert Ryman, porque aborda “a imagem e os gêneros consagrados da pintura de forma subjetiva, acreditando em uma experiência singular”.

Canale é carioca nascida em 1961. Reside e produz em Berlim. Integrou mostras coletivas como a 21ª Bienal de São Paulo (1991); a 6ª Bienal de Curitiba (2011); além de: *Dentro do traço, mesmo* (Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre, Brasil, 2009); e *Da visualidade ao conceito* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2007). Exposições individuais incluem: *Protagonista e domingo* (Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brasil, 2013); *Sem palavras* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2011); e *Arredores e rastros* (Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 2010). Instituições brasileiras como a Pinacoteca do Estado de São Paulo; o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e o Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, entre outras, possuem obras suas.

The paintings of Cristina Canale boast very unique features, particularly the way figurative elements in the compositions are always on the verge of diluting into pure abstraction. Her landscapes seem to portray a fluid world in which a few recognizable elements arise from amidst fields of color which juxtapose—and they do so harmonically, the wide variety of colors employed notwithstanding.

With its chromatic masses and dense materiality, the work of Cristina Canale responds, in its own way, to the intense debates which underlie late-20th-century German painting, and along more general lines, it is attuned to the problematics of contemporary production in painting and beyond. To the curator Tiago Mesquita, Canale's production opposes the quest for the image constitution structures which artists such as Gerhard Richter and Robert Ryman engage in, because it tackles “image and the established genres of painting in subjective fashion, with a belief in a unique experience.”

Canale was born in Rio de Janeiro in 1961. She lives and works in Berlin. She featured in collective shows such as the 21st Bienal de São Paulo (1991); the 6th Bienal de Curitiba (2011); as well as *Dentro do traço, mesmo* (Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre, Brazil, 2009); and *Da visualidade ao conceito* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2007). Solo shows include: *Protagonista e domingo* (Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brazil, 2013); *Sem palavras* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2011); and *Arredores e rastros* (Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brazil, 2010). Her works are owned by Brazilian institutions such as the Pinacoteca do Estado de São Paulo; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro and Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, among others.



Eduardo Coimbra  
**Luz Natural** 2013  
22 lâmpadas fluorescentes, acrílico, impressão fotográfica s/ duratrans/  
22 fluorescent lamps, acrylic, photographic printing on Duratrans  
60 x 180 cm

eduardo coimbra

Os desenhos, pinturas, maquetes e objetos de Eduardo Coimbra apontam para um pronunciado interesse pela paisagem e pelas questões de percepção espacial, bem como as infinitas ramificações que essa reflexão pressupõe – em especial, a inadequação entre aparência e realidade, e o lugar da produção contemporânea na história de um gênero iconográfico clássico.

Eduardo Coimbra iniciou sua carreira no começo dos anos 1990, com trabalhos em que objetos familiares eram reinventados através do uso de pequenos motores, luminosos e mecanismos elétricos. Ao longo dos anos, o foco da ação do artista tem se deslocado gradualmente para trabalhos em grande escala, culminando com a realização de importantes instalações públicas. Para além desses comissionamentos, cabe notar que até uma produção mais intimista, como a da grande série de maquetes realizadas a partir de 1999 ou as fotografias/colagens em que ilhas aparecem flutuando no céu, num cenário quase onírico (série *Asteroides*), sugerem o interesse pela grandiosidade e pelo diálogo real com a presença humana.

Eduardo Coimbra nasceu em 1955, no Rio de Janeiro, onde vive e trabalha. Participou da 29ª Bienal de São Paulo (2010) e da 3ª Bienal do Mercosul, em Porto Alegre (2001), ambas no Brasil. Exposições coletivas recentes incluem: *Coleção Itaú de fotografia brasileira* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2013); *Palácio das Artes*, Belo Horizonte, Brasil, 2013); *Bola na rede* (Funarte, Brasília, Brasil, 2013); *Espelho refletido* (Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica, Rio de Janeiro, Brasil, 2012); *Höhenrausch 2* (Offenes Kulturhaus Oberösterreich, Linz, Áustria, 2011); *Lugar algum* (SESC Pinheiros, São Paulo, Brasil, 2010); e *After utopia* (Centro per l'Arte Contemporanea Luigi Pecci, Prato, Itália, 2009). Algumas de suas mostras individuais recentes são: *Projeto Nuvem* (Lexus Hybrid Art Project, Moscou, Rússia, 2013); *Arte na Cidade*, São Paulo, Brasil, 2012); *Museu observatório* (Museu de Arte da Pampulha, Belo Horizonte, Brasil, 2011); e *Natureza da paisagem* (Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 2007).

The drawings, paintings, scale models, and objects by Eduardo Coimbra show a keen interest in landscape and spatial perception issues, and the endless ramifications that these entail—specially the discrepancy between appearance and reality, and the place of contemporary production within the history of a classical iconographic genre.

Eduardo Coimbra started his career in the early 1990s with works in which familiar objects were reinvented through the use of small engines, lighting fixtures, and electrical mechanisms. Over the years, the artist has gradually shifted focus to large-scale works, culminating with the creation of important public installations. Aside from these commissioned works, it is worth noting that even his more intimate productions, such as a large series of scale models made from 1999 onwards or the photographs/collages of islands afloat in the sky in quasi-dreamlike settings (*Asteroides* series), hint at his interest in grandeur and true dialogue with the human presence.

Eduardo Coimbra was born in 1955 in Rio de Janeiro, where he lives and works. He featured in the 29th Bienal de São Paulo (2010) and the 3rd Mercosul Biennial, in Porto Alegre (2001), both in Brazil. Recent group shows include: *Coleção Itaú de fotografia brasileira* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2013); *Palácio das Artes*, Belo Horizonte, Brazil, 2013); *Bola na rede* (Funarte, Brasília, Brazil, 2013); *Espelho refletido* (Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica, Rio de Janeiro, Brazil, 2012); *Höhenrausch 2* (Offenes Kulturhaus Oberösterreich, Linz, Austria, 2011); *Lugar algum* (SESC Pinheiros, São Paulo, Brazil, 2010); and *After utopia* (Centro per l'Arte Contemporanea Luigi Pecci, Prato, Italy, 2009). Recent solo shows include: *Projeto Nuvem* (Lexus Hybrid Art Project, Moscow, Russia, 2013); *Arte na Cidade*, São Paulo, Brazil, 2012); *Museu observatório* (Museu de Arte da Pampulha, Belo Horizonte, Brazil, 2011); and *Natureza da paisagem* (Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brazil, 2007).



Isaac Julien  
**True North Series** 2004  
impressão digital em papel Epson Premium Photo Glossy /  
digital print on Epson Premium Photo Glossy paper  
100 x 100 cm

isaac julien





Isaac Julien

**True North Series** 2004

impressão digital em papel brilhante / digital prints on gloss paper  
100 x 100 cm cada / each (tríptico / tryptich)

Isaac Julien é um artista e cineasta britânico, cujo trabalho incorpora diferentes disciplinas artísticas, partindo ou utilizando-se de cinemadança, fotografia, música, teatro, pintura e escultura, combinadas para criar uma linguagem poético-visual única em suas instalações audiovisuais. Seu filme *Young soul rebels* (1991) ganhou o prêmio Semaine de la Critique no Festival de Cannes.

Julien foi indicado ao Prêmio Turner em 2001 por seus filmes *The long road to Mazatlán* (1999) e *Vagabondia* (2000). Sua aclamada instalação de cinco telas, *Western Union: small boats* (2007), foi exibida no Metro Pictures, Nova Iorque, EUA; Galería Helga de Alvear, Madri, Espanha; Centre for Contemporary Arts, Varsóvia, Polônia; assim como integra a coleção do Brandhorst Museum, em Munique, Alemanha. Em 2008, Julien colaborou com Tilda Swinton no filme biográfico sobre Derek Jarman, simplesmente intitulado *Derek*, estreado no mesmo ano no Sundance Film Festival. Sua obra *Ten thousand waves* (2010) percorreu o mundo, exibida em mais de 15 países, incluindo cidades como Xangai, Sydney, Madri, Helsinque, São Paulo, Gwangju, Gotemburgo, Moscou, Nova Iorque, Miami e Londres.

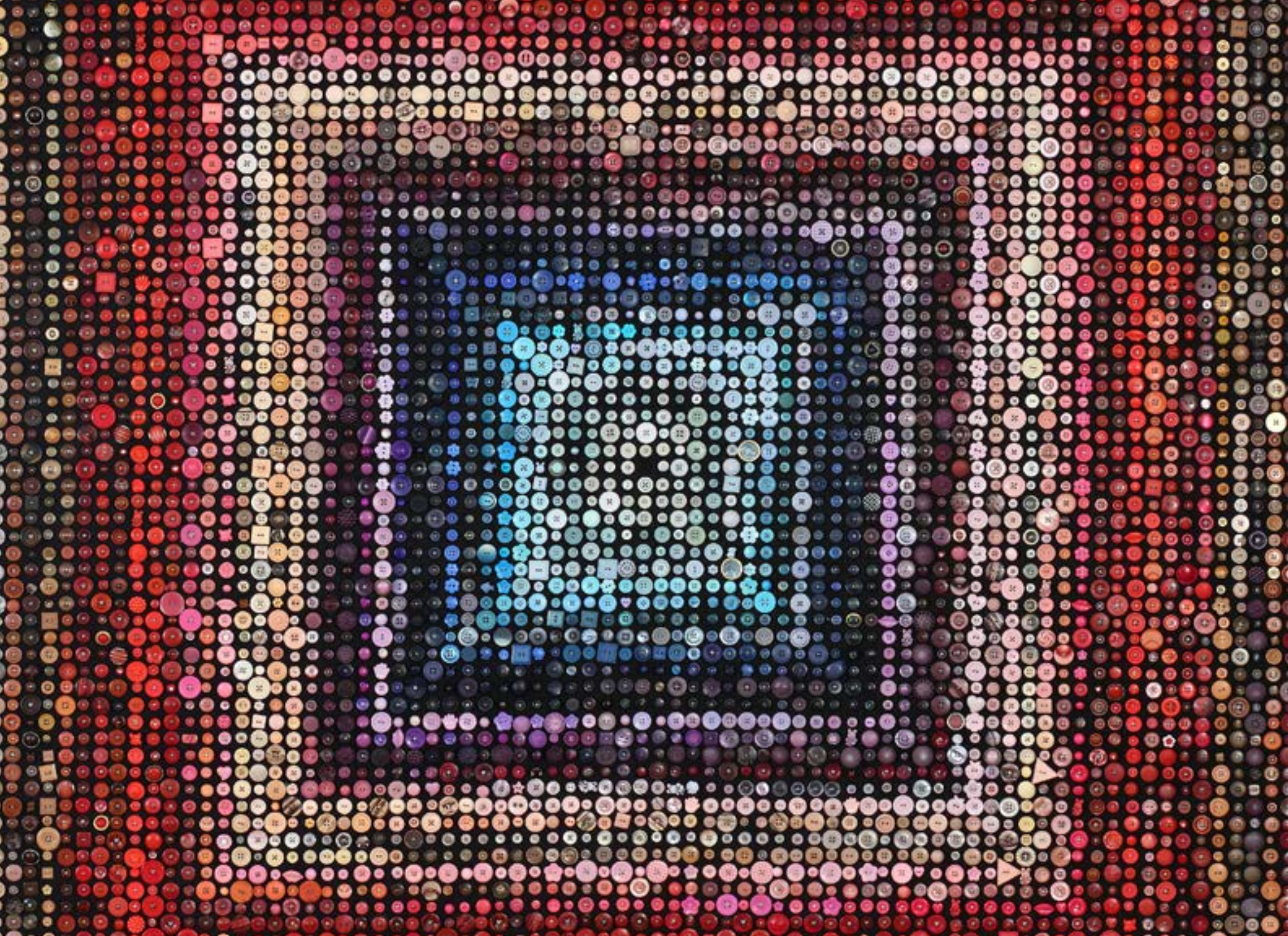
Julien é representado em coleções públicas e privadas ao redor do mundo, incluindo: Museum of Modern Art, Nova Iorque, EUA; Tate, Londres, Inglaterra; Coleção de Arte do Governo do Reino Unido, Londres, Inglaterra; Centre Pompidou, Paris, França; Guggenheim Museum, Nova Iorque, EUA; Hirshhorn Museum, Washington, EUA; e Museum Brandhorst, Munique, Alemanha.

Isaac Julien is a British artist and filmmaker whose work incorporates different artistic disciplines, drawing from and commenting on film, dance, photography, music, theatre, painting and sculpture, and uniting them to create a unique poetic visual language in audio visual film installations. His 1991 film *Young Soul Rebels* won the Semaine de la Critique prize at the Cannes Film Festival.

Julien was nominated for the Turner Prize in 2001 for his films *The long road to Mazatlán* (1999) and *Vagabondia* (2000). His acclaimed 5-screen installation, *Western Union: small boats* (2007) has been shown at Metro Pictures, New York, USA; Galería Helga de Alvear, Madrid, Spain; Centre for Contemporary Arts, Warsaw, Poland; and is also in the Museum Brandhorst collection in Munich, Germany. In 2008 Julien collaborated with Tilda Swinton on a biopic about Derek Jarman simply entitled *Derek*, which premiered at the Sundance Film Festival the same year. His 2010 film *Ten thousand waves* went on world tour, and has been on display in over 15 countries so far, including Shanghai, Sydney, Madrid, Helsinki, São Paulo, Gwangju, Gothenburg, Moscow, New York, Miami and London.

Julien is represented in museum and private collections throughout the world, including: Museum of Modern Art, New York, USA; Tate, London, England; the UK Government Art Collection, London, England; Centre Pompidou, Paris, France; Guggenheim Museum, New York, USA; Hirshhorn Museum, Washington, USA; and Museum Brandhorst, Munich, Germany.





José Patrício -- **Afinidades cromáticas XII** 2012 -- botões sobre tela, sobre madeira / buttons on canvas, on wood -- 155 x 160 cm -- detalhe / detail



Com resultados que podem ser descritos como instalações e pinturas, o trabalho de José Patrício se baseia na organização de peças cotidianas para gerar padrões e imagens, regulares ou um tanto livres, mas sempre de aspecto ao mesmo tempo enigmático e familiar. Para o crítico e curador Paulo Sérgio Duarte, o procedimento de acúmulos de Patrício situa-nos “num patamar diferente das questões colocadas pelo progresso da ciência e da técnica para a obra de arte. (...) Incorporado, como ponto de partida, o terreno da combinatória matemática, nos encontramos com a combinação das séries, infinitas nas suas possibilidades. O problema não é mais a reprodução do mesmo; trata-se, agora, de, a partir do mesmo, produzir infinitos outros”.

A partir de 1999, quando cria uma instalação para o Convento de São Francisco, em João Pessoa, Patrício utiliza o jogo de dominós como elemento-chave de numerosas obras de sua autoria. Anteriormente, já havia lançado mão da apropriação de objetos do dia a dia, como em trabalhos que utilizam bebês de plástico pintados de preto. “José Patrício demonstra que a matéria mínima aliada a gestos discretos é suficiente para o fabrico de labirintos”, assinala o crítico e curador Agnaldo Farias.

José Patrício nasceu em 1960, em Recife, onde vive e trabalha. Participou de bienais como a 22ª Bienal de São Paulo (1994) e a 3ª Bienal de Artes Visuais do Mercosul, em Porto Alegre (1994), ambas no Brasil; e a 8ª Bienal de Havana, Cuba (2003). Participações recentes em exposições coletivas incluem: *Le Hors-Là* (Usina Cultural, João Pessoa, Brasil, 2013); *Art in Brazil* (Palais des Beaux Arts, Bruxelas, Bélgica, 2011); e *50 anos de arte brasileira* (Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brasil, 2009). Suas mais recentes mostras individuais são: *A espiral e o labirinto* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2012); *José Patrício: o número* (Caixa Cultural, Rio de Janeiro, Brasil, 2010); e *Expansão múltipla* (Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2008).

Suas obras fazem parte de coleções como a da Fondation Cartier pour L'Art Contemporain, Paris, França; Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães, Recife, Brasil; Fundação Joaquim Nabuco, Recife, Brasil; Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brasil; Itaú Cultural, São Paulo, Brasil; e Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro / Gilberto Chateaubriand, Rio de Janeiro, Brasil.

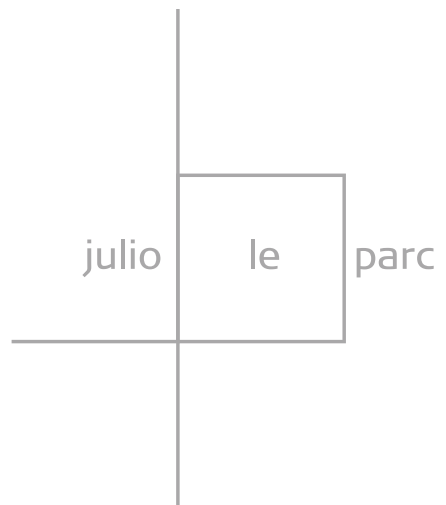
With outcomes that may be described as installations and paintings, the work of José Patrício is based on arranging day-to-day items to create patterns and images, either regularly or fairly freely, but always both enigmatic- and familiar-looking. To the critic and curator Paulo Sérgio Duarte, Patrício's accumulation procedure places us “on a different level than the issues set forth by the progress of science and technique in artwork.... As the terrain of combinatorial mathematics is incorporated as a starting point, we are faced with the combination of series, endless in their possibilities. The problem is no longer the reproduction of the same; it is now about producing endless others from the same.”

Starting in 1999, when he created an installation for the Convent of São Francisco, in João Pessoa, Patrício uses the game of domino as a key element to several of his works. In the past, he had already used day-to-day objects in works that featured plastic babies painted black. “José Patrício demonstrates that minimal matter, coupled with discrete gestures, suffices to manufacture labyrinths,” writes the critic and curator Agnaldo Farias.

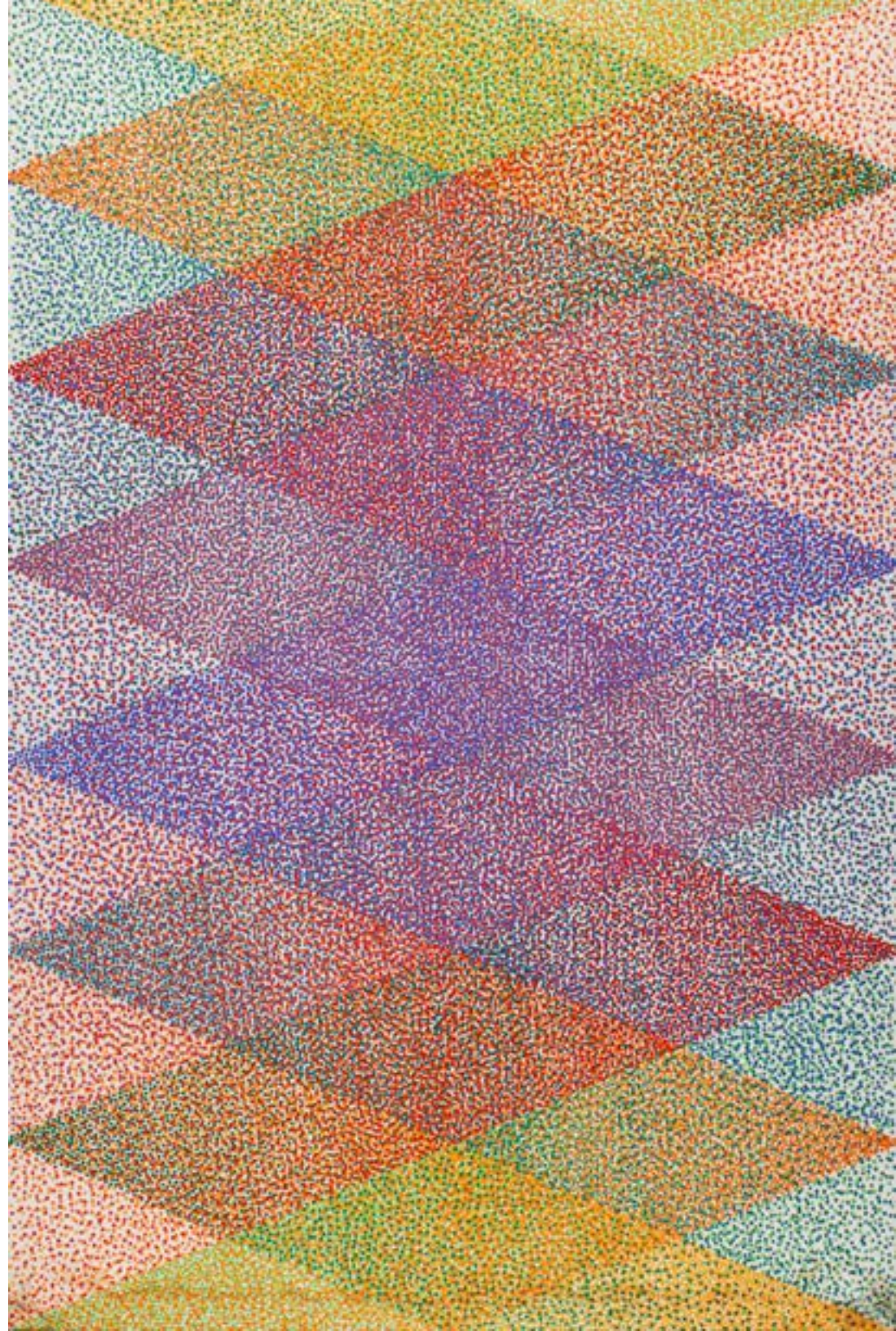
José Patrício was born in 1960 in Recife, where he lives and works. He featured in biennials such as the 22nd Bienal de São Paulo (1994) and the 3rd Mercosul Visual Arts Biennial, in Porto Alegre (1994), both in Brazil; and the 8th Havana Biennial, in Cuba (2003). Recent group shows include: *Le Hors-Là* (Usina Cultural, João Pessoa, Brazil, 2013); *Art in Brazil* (Palais des Beaux Arts, Brussels, Belgium, 2011); and *50 anos de arte brasileira* (Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brazil, 2009). Recent solo shows include: *A espiral e o labirinto* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2012); *José Patrício: o número* (Caixa Cultural, Rio de Janeiro, Brazil, 2010); e *Expansão múltipla* (Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil, 2008).

His work is included in the collections of the a da Fondation Cartier pour L'Art Contemporain, Paris, France; Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães, Recife, Brazil; Fundação Joaquim Nabuco, Recife, Brazil; Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brazil; Itaú Cultural, São Paulo, Brazil; and Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro / Gilberto Chateaubriand, Rio de Janeiro, Brazil.





Julio Le Parc  
**Alchimie 226** 1996  
acrílica sobre tela / acrylic on canvas  
195 x 130 cm





Julio Le Parc -- **Formes virtuelles par déplacement du spectateur** 1969 -- técnica mista / mixed media -- 23,5 x 44 x 24 cm



Apesar de seu papel fundamental na história da arte cinética, as telas, esculturas e instalações de Julio le Parc incluem questões relativas aos limites da pintura, por meio tanto de procedimentos mais próximos da tradição pictórica, tais como a acrílica sobre tela, quanto de assemblages ou aparatos mais propriamente cinéticos.

Pioneiro na modalidade, Julio le Parc foi um dos fundadores, em 1960, do Groupe de Recherche d'Art Visuel (1960-68), coletivo de artistas ótico-cinéticos que se propunha estimular a participação dos observadores, amplificando a sua capacidade de percepção e ação. Coerentemente com essas premissas e, de maneira mais geral, com a aspiração, bastante difusa na época, a uma arte desmaterializada ou indiferente às exigências do mercado, o grupo apresentava-se em lugares alternativos e até na rua. As obras e instalações de Julio le Parc formadas apenas por jogos de luz e sombras são fruto direto desse contexto, em que a produção de uma arte efêmera e invendável tinha uma clara conotação sociopolítica.

Argentino de Mendoza, Julio Le Parc nasceu em 1928 e hoje vive e produz em Paris. Participou das 2ª e 3ª edições da Bienal de Paris, França (1961 e 1963); da Bienal de Havana, Cuba (1984); e da Bienal do Mercosul, em Porto Alegre, Brasil (1999). Entre as exposições coletivas recentes que integrou estão: *Tomorrow was already here* (Museo Tamayo, Cidade do México, México, 2012); *Level 1* (Centre Pompidou, Metz, França, 2012); *Suprasensorial* (Hirshhorn Museum, Washington, EUA, 2013; Museum of Contemporary Art, Los Angeles, EUA, 2011); e *Uma aventura moderna* (Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, Brasil, 2009). Exposições individuais recentes incluem: *Soleil froid* (Palais de Tokyo, Paris, França, 2013); *Le Parc – lumière* (Biblioteca Luiz Angel Arango, Bogotá, Colômbia, 2007); *Verso la luce* (Castello di Boldeniga, Brescia, Itália, 2004); e *Retrospectiva* (Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2001).

Suas obras fazem parte de acervos como: Museum of Modern Art, Nova Iorque, EUA; Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil; Tate, Londres, Inglaterra; Museum Bymans-Van Beuningen, Roterdã, Holanda; e Massachusetts Institute of Technology List Visual Arts Center, Cambridge, EUA.

Despite their pivotal role to the history of kinetic art, the canvases, sculptures, and installations by Julio le Parc touch on issues pertaining to the boundaries of painting, using procedures both closer to pictorial tradition, such as acrylic on canvas, and more properly kinetic assemblages or apparatuses.

A pioneer of the genre, Julio le Parc was a cofounder of Groupe de Recherche d'Art Visuel (1960-68), a collective of optical-kinetic artists who set out to encourage the participation of viewers in order to enhance their abilities to perceive and act. In keeping with these premises, and more generally with the then quite disseminated aspiration to a dematerialized art, an art indifferent to market demands, the group would present itself in alternative venues and even on the street. Julio le Parc's works and installations, made from nothing but the interplay of light and shadow, were a direct result of that context, in which the production of a fleeting, unsellable art had a clear sociopolitical tinge.

Born in 1928 in Mendoza, Argentina, Julio Le Parc lives and works in Paris. He featured in the 2nd and 3rd editions of the Paris Biennale, France (1961 and 1963); the Havana Biennial, in Cuba (1984); and the Mercosul Biennial, in Porto Alegre, Brazil (1999). Recent group shows include: *Tomorrow was already here* (Museo Tamayo, Mexico D.F., Mexico, 2012); *Level 1* (Centre Pompidou, Metz, France, 2012); *Suprasensorial* (Hirshhorn Museum, Washington, USA, 2013; Museum of Contemporary Art, Los Angeles, EUA, 2011); and *Uma aventura moderna* (Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, Brazil, 2009). Recent solo shows include: *Soleil froid* (Palais de Tokyo, Paris, France, 2013); *Le Parc – lumière* (Biblioteca Luiz Angel Arango, Bogotá, Colombia, 2007); *Verso la luce* (Castello di Boldeniga, Brescia, Italy, 2004); and *Retrospectiva* (Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil, 2001).

His works are a part of the collections of the Museum of Modern Art, New York, USA; Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brazil; Tate, London, England; Museum Bymans-Van Beuningen, Rotterdam, Holland; and Massachusetts Institute of Technology List Visual Arts Center, Cambridge, USA.





laura vinci

Tendo abandonado a pintura ainda nos anos 1980, Laura Vinci vem se dedicando à escultura e, desde a segunda metade dos anos 1990, também à instalação. Essa gradual transição para uma produção de obras de maior escala decorre de um pronunciado interesse por interagir de maneira incisiva com o espaço.

A grande variedade de materiais empregados em suas instalações revela, antes de um percurso marcado por rupturas, uma pesquisa coesa, baseada no desejo de revelar sentidos e proposições mediante a transformação de matérias-primas – transformação que pode ter caráter ora corriqueiro (como a água que se torna vapor ou gelo), ora surpreendente (como o mármore transformado em pó finíssimo, quase etéreo, em *Máquina do mundo*, de 2006), ou, ainda, inusitado (a exemplo das maçãs entregues a uma lenta e aromática decomposição em *Ainda viva*, de 2007). Esses processos têm sempre profundo impacto sobre o espaço, como exemplifica bem sua instalação realizada por ocasião do Arte Cidade 3 (1997), em que um edifício abandonado era transformado em uma imensa ampulheta com um simples furo realizado na laje, por onde escorria um fio de areia.

Laura Vinci nasceu em 1962, em São Paulo, onde vive e trabalha. Entre suas exposições individuais recentes estão: *No ar* (Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brasil, 2013); *Clara-clara* (Arte na Cidade, São Paulo, Brasil, 2012); e *Laura Vinci* (Carpe Diem Arte e Pesquisa, Lisboa, Portugal, 2010). Participou da 26ª Bienal de São Paulo, Brasil (2004); das 2ª, 5ª e 7ª edições da Bienal do Mercosul, em Porto Alegre, Brasil (1999, 2005 e 2009); e da 10ª Bienal Internacional de Cuenca, Equador (2009). *As tramas do tempo na arte contemporânea: estética ou poética?* (Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brasil, 2013); *Instável* (Paço das Artes, São Paulo, Brasil, 2012); *Beuys e bem além: ensinar como arte* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2011); *Cantiere arte ambientale* (Ex-Macello, Pádua, Itália, 2010); e *Intempéries – o fim do tempo* (Oca, São Paulo, Brasil, 2009) são algumas mostras coletivas recentes que integrou.

Possui obras em acervos como os da Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil; do Inhotim, Brumadinho, Brasil; do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil; e do Palazzo delle Papesse, Siena, Itália.

Having abandoned painting back in the 1980s, Laura Vinci has dedicated herself to sculpture ever since, and to installation, from the mid-1990s onwards. Her gradual transition into producing larger-scale works stems from her keen interest in interacting with space in incisive fashion.

More than just revealing a career marked by ruptures, the wide variety of materials in her installations show a cohesive research, based on the desire to reveal meanings and propositions through the transformation of raw materials—a transformation that may be either commonplace (like the water that turns into vapor or ice) or surprising (like marble turned into a very thin, quasi-ethereal dust in *Máquina do mundo*, from 2006), or, yet, unusual (like the apples in slow, aromatic decomposition in *Ainda viva*, from 2007). These processes always have a deep impact upon space, a good example of which is her installation made on the occasion of Arte Cidade 3 (1997), in which an abandoned building was turned into a huge hourglass by the drilling of a sheer hole onto its top, through which a strain of sand ran down.

Laura Vinci was born in 1962 in São Paulo, where she lives and works. Recent solo shows include: : *No ar* (Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brazil, 2013); *Clara-clara* (Arte na Cidade, São Paulo, Brazil, 2012); and *Laura Vinci* (Carpe Diem Arte e Pesquisa, Lisbon, Portugal, 2010). She participated in the 26th Bienal de São Paulo, Brazil (2004); the 2nd, 5th, and 7th editions of the Mercosul Biennial, in Porto Alegre, Brazil (1999, 2005, and 2009); and the 10th Cuenca International Biennial, in Ecuador (2009). *As tramas do tempo na arte contemporânea: estética ou poética?* (Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brazil, 2013); *Instável* (Paço das Artes, São Paulo, Brazil, 2012); *Beuys e bem além: ensinar como arte* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2011); *Cantiere arte ambientale* (Ex-Macello, Padua, Italy, 2010); and *Intempéries – o fim do tempo* (Oca, São Paulo, Brazil, 2009) are recent group shows in which she featured.

Her works are included in the collections of the Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil; Inhotim, Brumadinho, Brazil; Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brazil; and Palazzo delle Papesse, Siena, Italy.



lucia koch



Intervenções, instalações, vídeos e fotografias são alguns dos meios escolhidos por Lucia Koch para investigar questões relativas a luz e espacialidade, sempre em profundo diálogo com a arquitetura – tanto pelo modo como seu trabalho se insere em um local no qual interfere, quanto ao criar espaços imaginários que provocam e reorientam a percepção.

Segundo o crítico e curador Moacir dos Anjos, a artista “reorganiza a compreensão visual de espaços, faz uso da luz (...) e estabelece um sentido público para o trabalho, seja pela negociação envolvida em seu processo, seja pelo desconcertante efeito que causa”. Desde 2001, fotografa interiores de caixas e embalagens vazias, que sugerem extensões virtuais dos locais onde se instalam. Esse conjunto crescente de imagens indaga o que transforma o espaço em lugar e cada vez mais se aproxima de uma pesquisa pouco ortodoxa no campo da arquitetura – cabe mencionar que Lucia Koch participou do projeto Arte Construtora que, de 1992 a 1996, ocupou casas, parques e até uma ilha.

Lucia Koch nasceu em 1966, em Porto Alegre. Vive e trabalha em São Paulo. Participou da Bienal de Sharjah, Emirados Árabes Unidos (2013); da 11ª Bienal de Lyon, França (2011); da 27ª Bienal de São Paulo, Brasil (2006); das 2ª, 5ª e 8ª edições da Bienal do Mercosul, em Porto Alegre, Brasil (1999, 2005 e 2011); da 8ª Bienal de Istambul, Istambul, Turquia (2003). Exposições coletivas de que participou recentemente incluem: *Sense of place* (Pier 24, San Francisco, EUA); *Travessias 2* (Galpão Bela Maré, Rio de Janeiro, Brasil); *Coleção Itaú de fotografia brasileira* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2013); Palácio das Artes, Belo Horizonte, Brasil, 2013); *Um outro lugar* (Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2011); *When lives become form* (Yerba Buena Center for Arts, San Francisco, EUA, 2009; Contemporary Art Museum, Tóquio, Japão, 2008). Suas mais recentes mostras individuais são: *Materiais de construção* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2012); *Cromoteísmo* (Capela do Morumbi, São Paulo, Brasil, 2012); *Matemática espontânea* (SESC Belenzinho, São Paulo, Brasil, 2011); e *Casa acesa* (La Casa Encendida, Madri, Espanha, 2008).

Interventions, installations, videos, and photographs are some of the media Lucia Koch has chosen in order to investigate issues of light and spatiality, always in deep dialogue with architecture—in both the way her work inserts itself into places it interferes with, and the way she creates imaginary spaces that tease and reorient perception.

According to critic and curator Moacir dos Anjos, the artist “reorganizes the visual comprehension of spaces, makes use of light ... and establishes a public meaning to the artwork, be it through the negotiation involved in her process, or the disconcerting effect it causes.” Since 2001, she has photographed the insides of empty boxes and packages, which suggest virtual extensions of the places they are at. This growing set of images inquires what makes space into a place, and is ever closer to a largely unorthodox research into architecture—it is worth noting that Lucia Koch participated in the Arte Construtora project, which occupied houses, parks, and even an island between 1992 and 1996.

Lucia Koch was born in 1966 in Porto Alegre. She lives and works in São Paulo. She featured in the *Sharjah Biennial*, in the United Arab Emirates (2013); the 11th Lyon Biennale, in France (2011); the 27th Bienal de São Paulo, Brazil (2006); the 2nd, 5th, and 8th editions of the Mercosul Biennial, in Porto Alegre, Brazil (1999, 2005, and 2011); and the 8th Istanbul Biennial, in Turkey (2003). Recent group shows include: *Sense of place* (Pier 24, San Francisco, USA); *Travessias 2* (Galpão Bela Maré, Rio de Janeiro, Brazil); *Coleção Itaú de fotografia brasileira* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2013); *Palácio das Artes*, Belo Horizonte, Brazil, 2013); *Um outro lugar* (Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brazil, 2011); *When lives become form* (Yerba Buena Center for Arts, San Francisco, USA, 2009; Contemporary Art Museum, Tokyo, Japan, 2008). Recent solo shows include: *Materiais de construção* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2012); *Cromoteísmo* (Capela do Morumbi, São Paulo, Brazil, 2012); *Matemática espontânea* (SESC Belenzinho, São Paulo, Brazil, 2011); and *Casa acesa* (La Casa Encendida, Madrid, Spain, 2008).

marcelo	silveira



Marcelo Silveira -- **Pele IX** 2009 / 2013 -- madeiras (Cajacatinga) e pinos metálicos / Cajacatinga wood and metal pins -- 135 x 150 x 40 cm

A obra de Marcelo Silveira parece questionar as categorias preestabelecidas, desafiando e tensionando, entre outras, as definições aparentemente consolidadas de escultura, instalação, arte popular, artesanato, e até colecionismo.

A acumulação, de fato, constitui estratégia privilegiada do artista: objetos que lembram utensílios domésticos, evidentemente desprovidos de qualquer utilidade e que, contudo, parecem guardar algum significado; esferas de vários materiais e dimensões, imóveis, como que à espera de algum acontecimento anunciado; centenas de objetos de vidro (de copos e garrafas a simples cacos)... Tudo pode confluir nas grandes coleções de Marcelo Silveira. O curador Moacir dos Anjos observa que “se estabelece (...) um deslocamento claro de foco: das propriedades formais de peças que se bastam, as atenções de Marcelo Silveira (e do observador) se voltam também para um conjunto delas, as quais sugerem, de modo relacional, seus (possíveis) significados”.

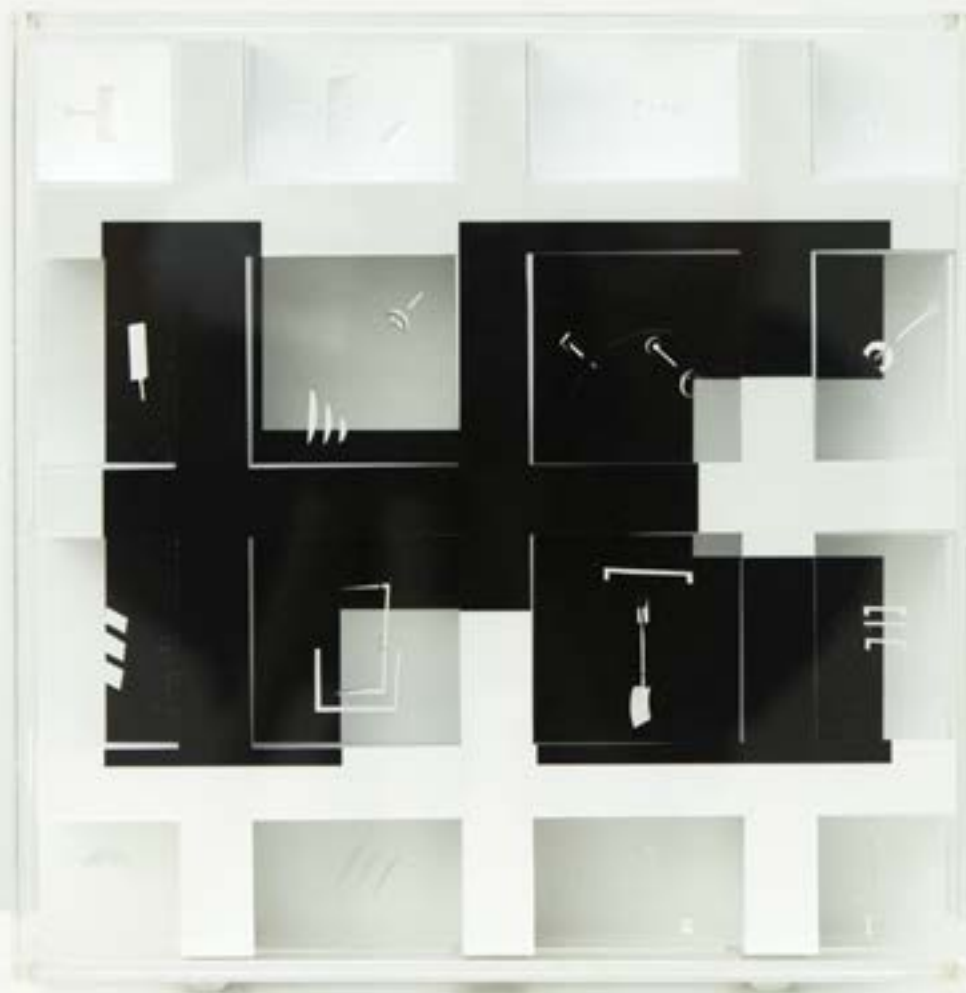
Marcelo Silveira nasceu em 1962, em Gravatá, Pernambuco. Vive e trabalha em Recife. Participou da 1ª Bienal Internacional de Artes Plásticas de Buenos Aires, Argentina (2000); da 5ª Bienal do Mercosul, em Porto Alegre, Brasil (2005); e da 4ª Bienal de Valência, Espanha (2007), além das mostras coletivas *Coleção Itaú de fotografia brasileira* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2013); *Palácio das Artes*, Belo Horizonte, Brasil, 2013); *MAC 50: doações recentes 1* (Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2013); *Travessias 2* (Galpão Bela Maré, Rio de Janeiro, Brasil, 2013); *Nova arte nova* (Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro, Brasil, 2009; Centro Cultural Banco do Brasil, São Paulo, Brasil, 2009); *Panorama da Arte Brasileira – Contraditório* (Alcalá 31, Madri, Espanha, 2008); *Geração da virada: 10 + 1* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2006). Entre suas exposições individuais recentes estão: *Chronos* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2012); *Arquitetura de interiores* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2008); e *Marcelo Silveira* (Centro Universitário Maria Antônia, São Paulo, Brasil, 2005).

The work of Marcelo Silveira seems to question preestablished categories, defying and tensing up the seemingly established definitions of sculpture, installation, popular art, handicraft, and even collectionism, among others.

As a matter of fact, accumulation constitutes a favorite strategy of his: objects reminiscent of household appliances, blatantly stripped of any use, that yet seem to bear some meaning; spheres made of various materials and in various sizes, motionless, as if awaiting some announced event; hundreds of glass objects (from drinking glasses to bottles to mere shards)... It all can come together in Marcelo Silveira's large collections. Curator Moacir dos Anjos notes that “a clear displacement of focus is established: the attentions of Marcelo Silveira (and of the viewer) shift from the formal properties of self-contained items to a set of said items, which, in a relational way, suggest their (possible) meanings.”

Marcelo Silveira was born in 1962 in Gravatá, state of Pernambuco. He lives and works in Recife. He featured in the 1st International Art Biennial of Buenos Aires, Argentina (2000); the 5th Mercosul Biennial in Porto Alegre, Brazil (2005); and the 4th Valencia Biennial, Spain (2007), and in the group shows *Coleção Itaú de fotografia brasileira* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2013); *Palácio das Artes*, Belo Horizonte, Brazil, 2013); *MAC 50: doações recentes 1* (Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brazil, 2013); *Travessias 2* (Galpão Bela Maré, Rio de Janeiro, Brazil, 2013); *Nova arte nova* (Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro, Brazil, 2009; Centro Cultural Banco do Brasil, São Paulo, Brazil, 2009); *Panorama da Arte Brasileira – Contraditório* (Alcalá 31, Madrid, Spain, 2008); *Geração da virada: 10 + 1* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2006). Recent solo shows include: *Chronos* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2012); *Arquitetura de interiores* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2008); and *Marcelo Silveira* (Centro Universitário Maria Antônia, São Paulo, Brazil, 2005).



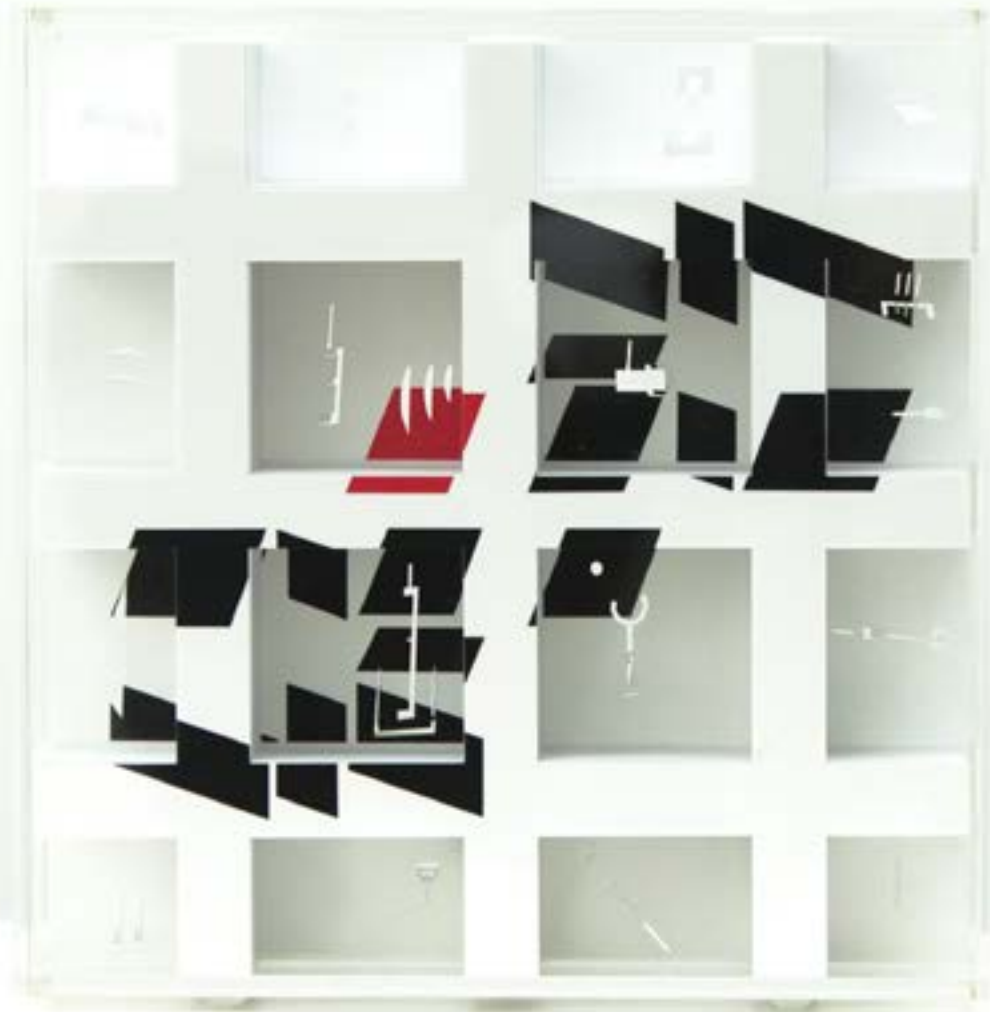


marco	maggi

Marco Maggi -- HO 2013 -- recortes em papel e plexiglas / cuts on paper and plexiglas



Marco Maggi -- HO 2013 -- recortes em papel e plexiglas / cuts on paper and plexiglas



Marco Maggi -- HO 2013 -- recortes em papel e plexíglas / cuts on paper and plexiglas



A presença do papel e o caráter intimista são duas constantes na produção de Marco Maggi, mesmo em suas grandes instalações. Desde a consolidação de sua carreira, na década de 1990, estimula seu público de forma espirituosa e delicada a diminuir o ritmo cotidiano e observar com vagar, prestar atenção e aprofundar-se em suas obras, na vida ao seu redor e na sociedade em que se vive. Nas palavras do curador Adriano Pedrosa, o artista “finca trincheiras no embate com a velocidade”.

Na série “The Ted Turner Collection – from CNN to the DNA”, Maggi demonstra senso crítico apurado, usando reproduções de obras de artistas como Gerhard Richter, Andy Warhol e Hélio Oiticica para comentar a condição midiática da vida atual. Pilhas de papel em branco cobrem reproduções e, filetadas com precisão, criam relevos e aberturas que revelam traços de cor da reprodução oculta embaixo, formando uma grande paisagem branca com pequenas aberturas de cor. As instalações mantêm o uso do papel, mas as numerosas pilhas, a distância, não revelam sua natureza; é preciso se aproximar, ter certa intimidade com as obras, dedicar-lhes algum tempo para descobrir o que revelam.

Marco Maggi nasceu em Montevideu, Uruguai, em 1957. Vive e trabalha em Nova Iorque e Montevideu. *MoCA’s permanent collection: selection of recent acquisitions* (Museum of Contemporary Art, Los Angeles, EUA, 2013); *Works from the Daros Latin America Collection* (Fundación Banco Santander, Madrid, Espanha, 2010); e *In transition* (Cisneros Fontanals Art Foundation, Miami, EUA, 2010) são algumas das mostras coletivas em que apresentou seu trabalho recentemente. Participou também da 25ª Bienal de São Paulo, Brasil (2002); da 8ª Bienal de Havana, Cuba (2003); da 29ª Bienal de Pontevedra, Espanha (2006); da 17ª Bienal da Guatemala (2010); e da Bienal de Cuenca, Equador (2011). Exposições individuais recentes incluem: *Desinformação funcional – desenhos em português* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2012); e *From Huguenot to microwave* (Dorsky Museum, Nova Iorque, EUA, 2011).

Seus trabalhos integram acervos como: Museum of Modern Art, Nova Iorque, EUA; Whitney Museum of American Art, Nova Iorque, EUA; Guggenheim Museum, Nova Iorque, EUA; Hirshhorn Museum, Washington, EUA; Museum of Fine Arts, Boston, EUA; Fine Arts Museums of San Francisco, San Francisco, EUA; e Daros Foundation, Zurique, Suíça; entre outros.

The presence of paper and the intimate character are two constants in the work of Marco Maggi, even in his large installations. Ever since he established his career, in the 1990s, Maggi has wittily and delicately encouraged his audience to slow down their pace, and watch, pay attention, and delve deeper into his works, the life that surrounds them, and the society in which they live. In the words of curator Adriano Pedrosa, Maggi “digs trenches in his battle with speed.”

In a series entitled “The Ted Turner Collection – from CNN to the DNA,” Maggi shows his acute critical sense by using reproductions of pieces by artists of the likes of Gerhard Richter, Andy Warhol, and Hélio Oiticica to comment on the mediatized condition of contemporary life. Heaps of white paper cover reproductions, slashed with precision to create reliefs and gaps that reveal traces of tones from the reproductions hidden underneath, forming a big white landscape spiked with small slits of color. The installations maintain the use of paper, but from a distance, the numerous heaps do not show their nature; one must come closer, become somewhat acquainted with the works and dedicate some time to finding out what they reveal.

Marco Maggi was born in Montevideo, Uruguay. He lives and works in New York and Montevideo. He recently showed his work in shows such as *MoCA’s permanent collection: selection of recent acquisitions* (Museum of Contemporary Art, Los Angeles, USA, 2013); *Works from the Daros Latin America Collection* (Fundación Banco Santander, Madrid, Spain, 2010); and *In transition* (Cisneros Fontanals Art Foundation, Miami, USA, 2010). He also featured in the 25th Bienal de São Paulo, Brazil (2002); the 8th Havana Biennial, in Cuba (2003); the 29th Pontevedra Biennial, in Spain (2006); the 17th Guatemala Biennial (2010); and the Cuenca Biennial, in Ecuador (2011). Recent solo shows include: *Desinformação funcional – desenhos em português* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2012); and *From Huguenot to microwave* (Dorsky Museum, New York, USA, 2011).

His works are included in the collections of the Museum of Modern Art, New York, USA; Whitney Museum of American Art, New York, USA; Guggenheim Museum, New York, USA; Hirshhorn Museum, Washington, USA; Museum of Fine Arts, Boston, USA; Fine Arts Museums of San Francisco, San Francisco, USA; and Daros Foundation, Zurich, Switzerland; among others.



marcos chaves

Marcos Chaves  
**Goldesel** 2013  
impressão fotográfica, metacrilato /  
photograph on dia sec  
166 x 276 cm



Apesar de ter iniciado a carreira na primeira metade dos anos 1980, num período, portanto, de grande auge da pintura, Marcos Chaves tem na fotografia, no vídeo e em instalações os suportes ideais para um trabalho profundamente crítico e que, não obstante a coerência, permanece aberto a interpretações. O curador Fernando Cocchiarella observa que “a conexão dos componentes das obras de Marcos é feita (...) sobretudo por meio dos irônicos nexos estabelecidos pelas palavras grafadas nas próprias obras ou registradas nos títulos dos trabalhos. Chaves cria uma sintaxe sem regras prévias que empresta sentido estético ao conjunto de sua produção”.

É frequente a apropriação de pequenos elementos ou cenas da vida cotidiana, que reproduzem de maneira direta, ou, no máximo, com pequenas intervenções, o extraordinário que o artista evidencia habitar o prosaico do dia a dia, como nas séries *Buracos* (1996-2008) e *Retratos* (2009). Sua produção insere-se, de maneira renovada, na longa tradição da poesia visual, seja pela inserção de frases (como na célebre *Eu só vendo a vista*, sobreposta pelo artista ao panorama do Rio de Janeiro), seja pela escolha de títulos sutilmente ambíguos e divertidos, que conduzem uma reflexão bem-humorada, mas não por isso superficial (*Não falo duas vezes*, 1995; *Paz entre aspás*, 2005).

Marcos Chaves nasceu em 1961, no Rio de Janeiro, onde vive e trabalha. *Pieces* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2011); *Frequências* (Museu da Imagem e do Som, São Paulo, Brasil, 2009); e *Laughing mask* (Butcher's, Londres, Inglaterra, 2008) são algumas de suas mostras individuais recentes. Participou das 1ª e 5ª edições da Bienal do Mercosul, em Porto Alegre (1997 e 2005), e da 25ª Bienal de São Paulo (2002), todas no Brasil; da 17ª Bienal de Cerveira, Portugal (2013), e da 54ª Bienal de Veneza, Itália (2011), entre outras. Exposições coletivas recentes de que participou incluem: *Coleção Itaú de fotografia brasileira* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2013; Palácio das Artes, Belo Horizonte, Brasil, 2013); *Bola na rede* (Funarte, Brasília, Brasil, 2013); *Agenda Santiago* (Centro de Arte Caja de Burgos, Burgos, Espanha, 2013); *Travessias 2* (Galpão Bela Maré, Rio de Janeiro, Brasil, 2013); *Rio de imagens* (Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brasil, 2013); *Espelho refletido* (Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica, Rio de Janeiro, Brasil, 2012); *Gigante por la propia naturaleza* (Instituto Valenciano de Arte Moderno, Valência, Espanha, 2011); *Ponto de equilíbrio* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2010); e *After utopia* (Centro per l'Arte Contemporanea Luigi Pecci, Prato, Itália, 2009).

Although Marcos Chaves started his career in the first half of the 1980s, i.e., in a period in which painting reached a major peak, photography, video, and installations are the ideal media for his deeply critical work, which remains open to interpretation, despite its coherence. The curator Fernando Cocchiarella notes that “the connection between the components in Chaves' works is made ... primarily through the ironic nexuses established by the words written onto the works themselves, or inserted into the titles. Chaves creates a syntax devoid of preset rules which lends aesthetical meaning to his output as a whole.”

He often appropriates small elements or scenes from everyday life, which reproduce, either directly or with small interventions at most, the extraordinary that the artist shows to inhabit the prosaic in daily life, as in the *Buracos* (1996–2008) and *Retratos* (2009) series. His production is inserted, in renewed fashion, in the long-standing tradition of visual poetry, be it through the addition of sentences (such as the famous *Eu só vendo a vista* [I sell only the view], which the artist superimposed onto the Rio de Janeiro landscape), or through the choice of subtly ambiguous, funny titles conducive to a high-spirited, though not superficial, reflection (*Não falo duas vezes* [I don't speak twice], 1995; *Paz entre aspás* [Peace in quotation marks], 2005).

Marcos Chaves was born in 1961 in Rio de Janeiro, where he lives and works. Recent solo shows include: *Pieces* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2011); *Frequências* (Museu da Imagem e do Som, São Paulo, Brazil, 2009); and *Laughing mask* (Butcher's, London, England, 2008). He featured in the 1st and 5th editions of the Mercosul Biennial, in Porto Alegre (1997 and 2005), and the 25th Bienal de São Paulo (2002), all in Brazil; the 17th Cerveira Biennale, in Portugal (2013), and the 54th Venice Biennale, in Italy (2011), among others. Recent group shows include: *Coleção Itaú de fotografia brasileira* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2013; Palácio das Artes, Belo Horizonte, Brazil, 2013); *Bola na rede* (Funarte, Brasília, Brazil, 2013); *Agenda Santiago* (Centro de Arte Caja de Burgos, Burgos, Spain, 2013); *Travessias 2* (Galpão Bela Maré, Rio de Janeiro, Brazil, 2013); *Rio de imagens* (Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brazil, 2013); *Espelho refletido* (Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica, Rio de Janeiro, Brazil, 2012); *Gigante por la propia naturaleza* (Instituto Valenciano de Arte Moderno, Valencia, Spain, 2011); *Ponto de equilíbrio* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2010); and *After utopia* (Pecci Center for Contemporary Art, Prato, Italy, 2009).





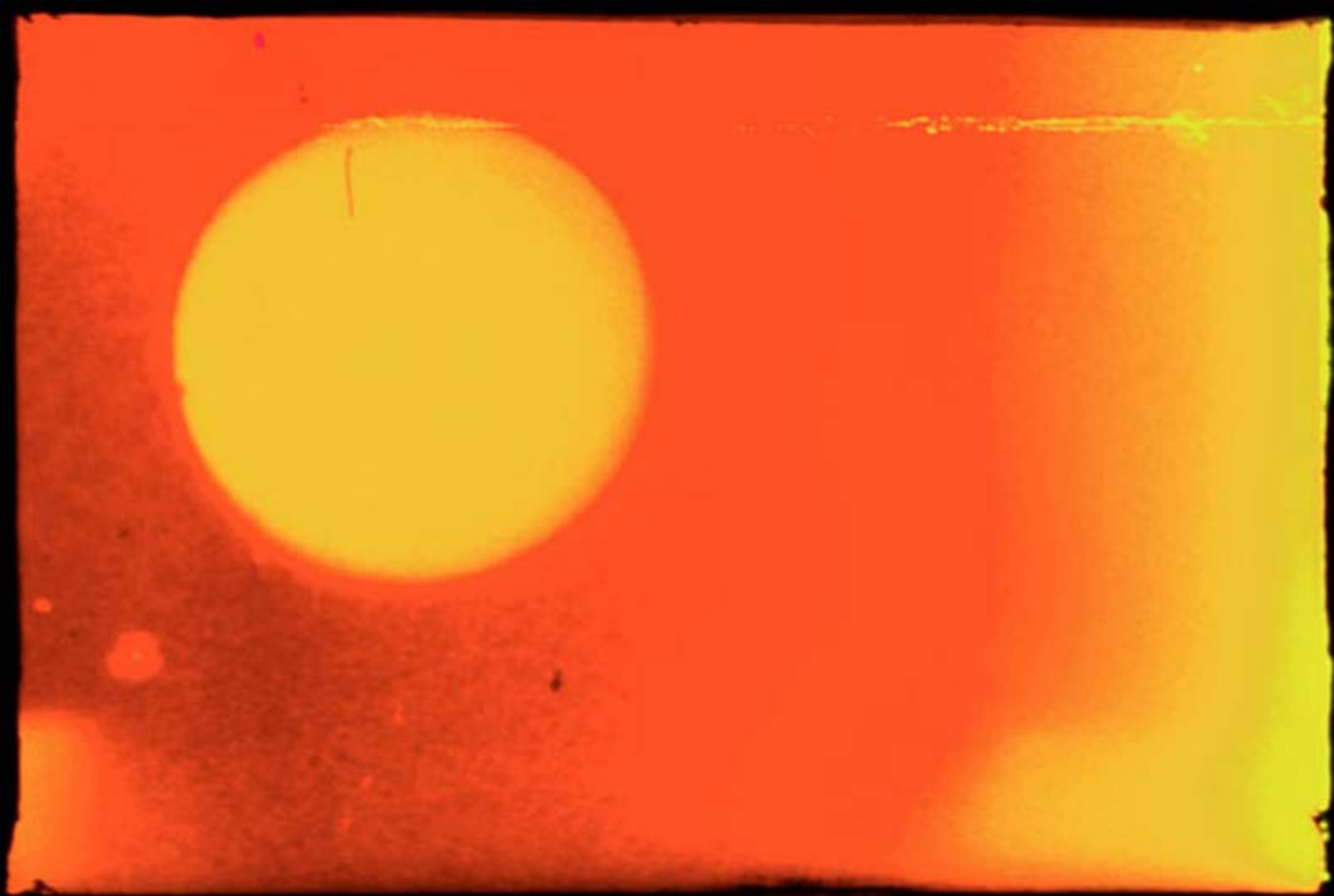
melanie smith

Melanie Smith  
**Fleur de Lys** 2010  
impressão digital em papel de algodão /  
digital print on cotton paper  
111 x 155 cm



Melanie Smith  
**Monkeys III** 2010  
óleo sobre tela / oil on canvas  
75 x 60 cm





Melanie Smith  
**Parres cero** 2006  
vídeo transferido de filme 35mm / video transferred to 35 mm  
60'50"





Melanie Smith  
**Skulls 2** 2012  
óleo sobre tela / oil on canvas  
70 x 60 cm

O trabalho de Melanie Smith em pintura, fotografia, vídeo e instalação envolve a releitura dos movimentos de vanguarda e pós-vanguarda, frequentemente a partir da questão das heterotopias. Sua produção baseia-se em uma visão expandida da noção de modernidade, relacionando-a tanto com contextos socioculturais específicos quanto com o sistema estético e político em sentido amplo. Nessa abordagem, Melanie Smith constantemente trabalha com pares de opostos, como enumera a curadora Paola Santoscoy: “o racional e o irracional, o urbano e o rural, o europeu e o americano, o pragmático e o intuitivo”.

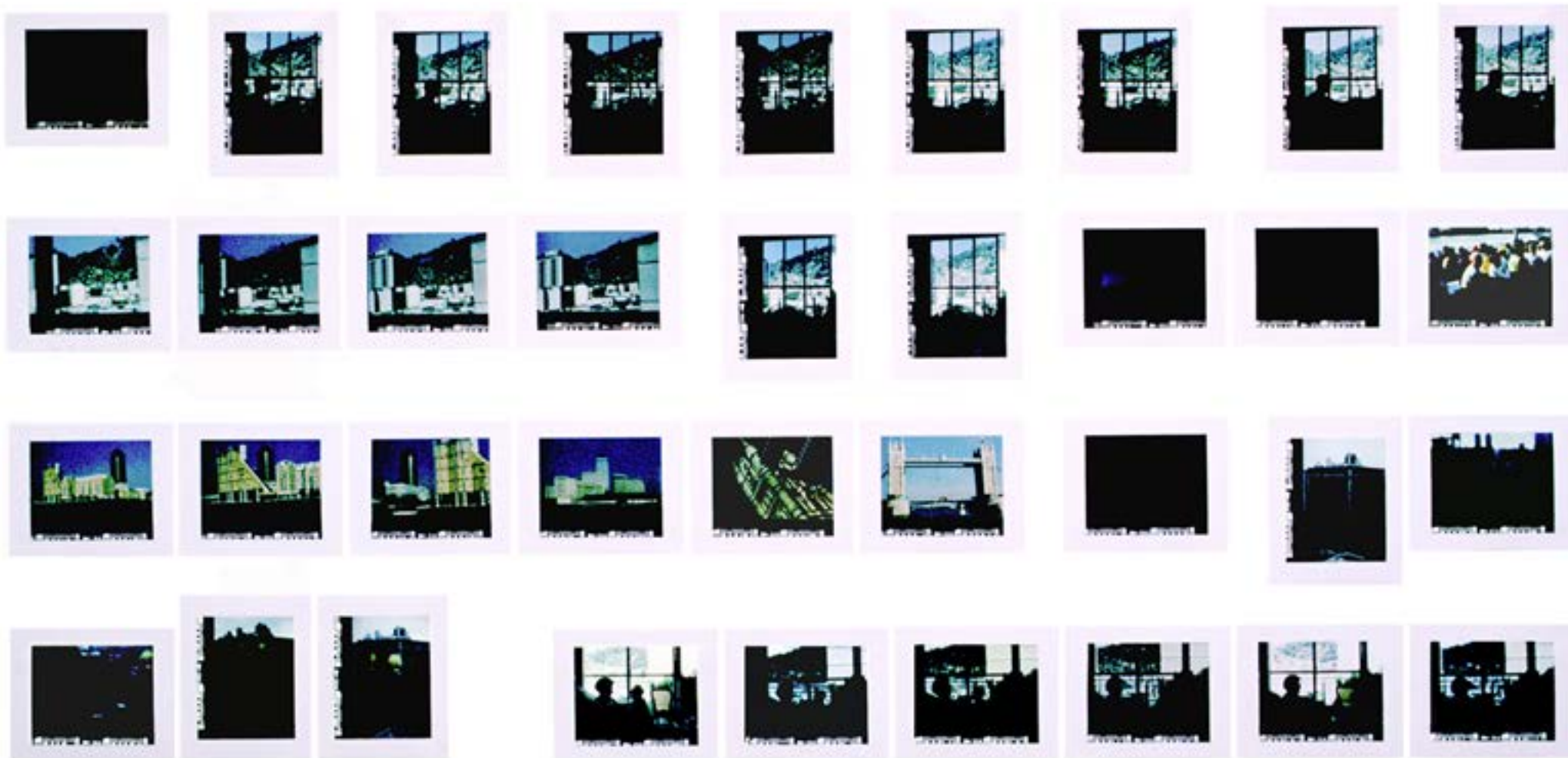
Suas obras iniciais tratavam da própria Cidade do México, onde reside desde 1989, registrando, ao mesmo tempo, suas multiplicidades, violência, banalidade, dimensão clandestina e deterioração, como no vídeo *Spiral City* (2002). Em outros trabalhos, ela expande a noção de lugar e não lugar ao documentar a pequena cidade de Parres, nos arredores da Cidade do México. Ela realizou uma trilogia de filmes em 35 mm, e uma série de pinturas e instalações que retrabalham a ideia modernista de monocromatismo.

Melanie Smith nasceu em 1965, em Poole, Reino Unido, e radicou-se na Cidade do México, México. Participou da 54ª Bienal de Veneza, Itália (2011); da 8ª Bienal do Mercosul, em Porto Alegre, Brasil (2011); e da 8ª Bienal de Havana, Cuba (2003). Entre as exposições coletivas de que participou recentemente estão: *Another victory over the sun* (Museum of Contemporary Art, Denver, EUA, 2011); *The twentieth century* (Tate, Liverpool, Inglaterra, 2009); e *i Viva la muerte!* (Centro Atlántico de Arte Moderno, Las Palmas de Gran Canaria, Espanha, 2008); além de mostras individuais como *Irretratabilidad, ilegibilidad, inestabilidad* (Museo Amparo, Puebla, México, 2013); *Bulto* (Museo de Arte de Lima, Peru, 2011); e *Xilitla* (El Eco, Cidade do México, México, 2010).

Melanie Smith's painting, photography, video, and installation works involve the rereading of avant-garde and post-avant-garde movements, often using the issue of heterotopias as a starting point. Her production is based around an expanded view of the notion of modernity, relating it both to specific sociocultural contexts and to the aesthetic and political system in a broad sense. In this approach, Melanie Smith constantly works with pairs of opposites, as curator Paola Santoscoy puts it: “the rational and the irrational, the urban and the rural, the European and the American, the pragmatic and the intuitive.”

Her early works portrayed Mexico City, where she has lived since 1989, showcasing its multiplicities, violence, banality, its clandestine dimension, and deterioration all at once, as in the video *Spiral City* (2002). In other pieces, she expands on her notion of place and non-place as she documents the small town of Parres, in the outskirts of Mexico City. She made a trilogy of 35 mm films, and a series of paintings and installations which rework the modernist notion of monochromatism.

Melanie Smith was born in 1965 in Poole, United Kingdom, and later moved to Mexico City, Mexico. She participated in the 54th Venice Biennale, in Italy (2011); the 8th Mercosul Biennial, in Porto Alegre, Brazil (2011); and the 8th Havana Biennial, in Cuba (2003). Recent group shows include: *Another victory over the sun* (Museum of Contemporary Art, Denver, USA, 2011); *The twentieth century* (Tate, Liverpool, England, 2009); and *i Viva la muerte!* (Centro Atlántico de Arte Moderno, Las Palmas de Gran Canaria, Spain, 2008). She has also held recent solo shows such as *Irretratabilidad, ilegibilidad, inestabilidad* (Museo Amparo, Puebla, Mexico, 2013); *Bulto* (Museo de Arte de Lima, Peru, 2011); and *Xilitla* (El Eco, Mexico D.F., Mexico, 2010).



Milton Machado

**Stray bullets** 1996

fotomontagens, colagem / photomontage and collage

36 fotografias, C-prints, de negativos 35mm. Rio, Londres, Nova York, Rio /

36 photographs, c-prints made from negatives 35 mm, London, New York, Rio de Janeiro

20.5 x 25.5 cm cada / each

milton	machado



“O que vemos por toda parte é o curto-circuito entre coisas, imagens, palavras, afetos e significados; uma mobilidade absurda de sentidos que conspira com o nosso desejo de colar o que já sabemos ao que aparece a nossa frente. Repetindo o ditado: as aparências enganam, e arte é sempre jogo e ilusão”. As palavras do curador e crítico Luiz Camillo Osório sintetizam o processo de reconstrução de sentidos operado por Milton Machado.

Em seus primeiros trabalhos, predominantemente desenhos, produzidos no período da ditadura, o artista utilizava-se de sua formação de arquiteto para criar projetos e esboços de narrativas aparentemente lógicos, mas, de fato, ficcionais e irrealizáveis. Ao longo das décadas seguintes, Milton Machado tem aumentado progressivamente a escala e ampliado a diversidade dos gêneros utilizados, incluindo objetos, esculturas, vídeo, fotografia e grandes instalações, mas continua explorando a tensão gerada por indagações artísticas dos modelos de conhecimento científico. Com suas intervenções, Milton Machado instaura, ou torna evidentes, relações surpreendentes e reveladoras, transpondo a distância entre âmbitos teoricamente estanques: o industrial e o artístico; o arquitetônico e o pictórico; o familiar e o político etc.

Milton Machado (Rio de Janeiro, 1947). Arquiteto pela FAU-UFRJ (1970), Mestre em Planejamento Urbano pelo IPPUR-UFRJ (1985) e PhD em Artes Visuais pelo Goldsmiths College University of London (2000). Professor Associado do Departamento de História e Teoria da Arte e do PPGAV-Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Escola de Belas Artes EBA/UFRJ. Participou das 10<sup>a</sup>, 19<sup>a</sup> e 29<sup>a</sup> edições da Bienal de São Paulo (1969, 1987 e 2010) e da 7<sup>a</sup> Bienal do Mercosul, em Porto Alegre (2009). Exposições individuais recentes incluem *Cine Lage* (Escola de artes Visuais do Parque Lage, Rio de Janeiro, Brasil, 2012); *Produção* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2009); *Homem muito abrangente* (Museu da República, Rio de Janeiro, Brasil, 2006) e *Sobre a mobilidade* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2005). Entre as participações em mostras coletivas recentes estão: *O abrigo e o terreno* (Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brasil, 2013); *Genealogias do contemporâneo* (Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 2012); *Novo museu tropical* (TEOR/ÉTICA, San José, Costa Rica, 2012); 17<sup>ª</sup> Festival Internacional de Arte Contemporânea Videobrasil – Panoramas do Sul (SESC Belenzinho, São Paulo, Brasil, 2011); *Europalia: art in Brazil* (Bozar, Bruxelas, Bélgica, 2011); *Arte contemporânea brasileira – Coleção João Sattamini* (Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Niterói, Brasil, 2009); e *MALI contemporâneo: adquisiciones y donaciones* (Museo de Arte de Lima, Lima, Peru, 2009).

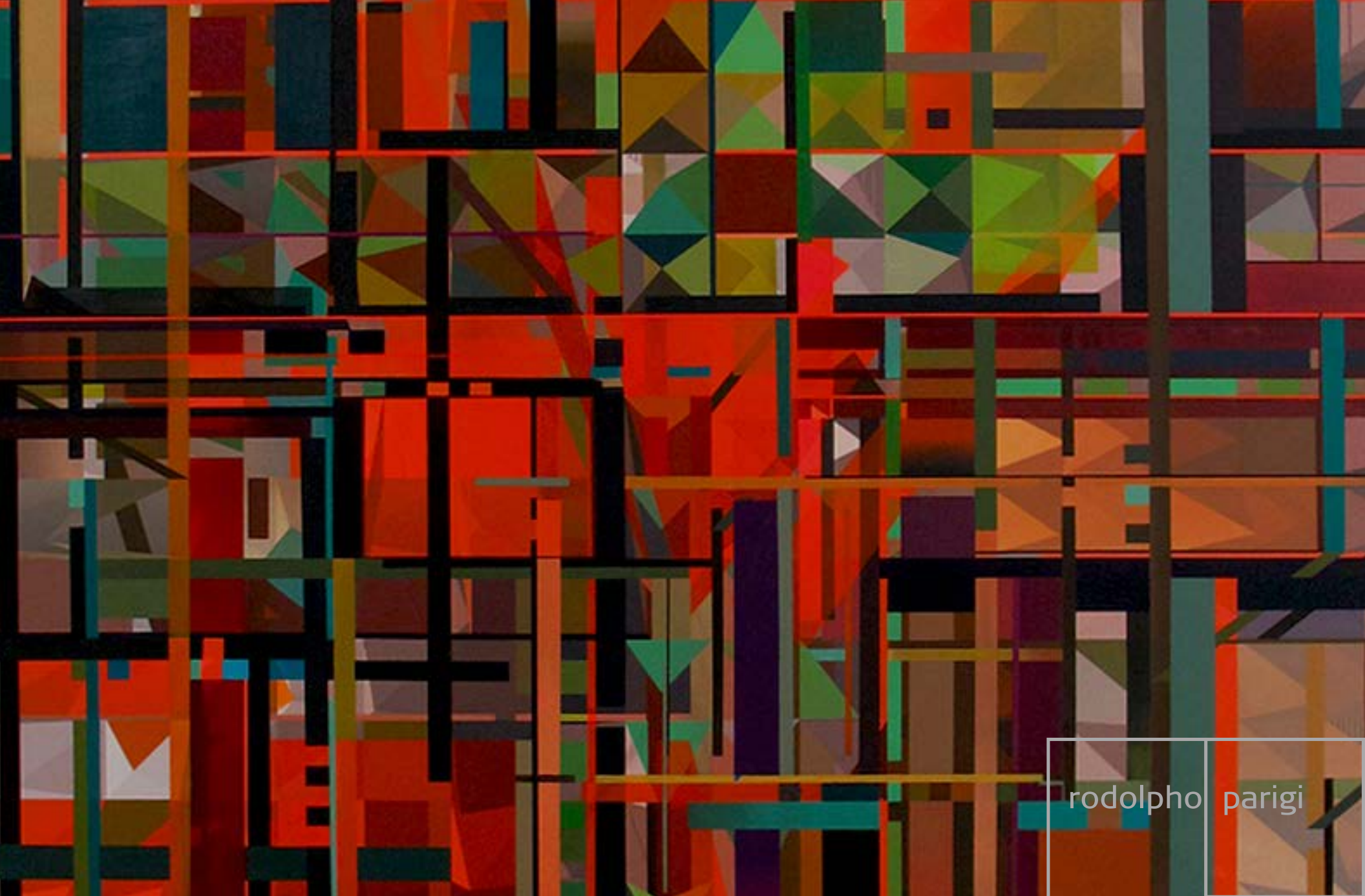
Seu trabalho integra coleções públicas como: Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Niterói, Brasil; University of Essex, Essex, Inglaterra; do Museo de Arte de Lima, Lima, Peru; Museo Civico di Arte Contemporanea, Gibellina, Itália) e da Daros Foundation, Zurique, Suíça.

“What we see everywhere is a short circuit of things, images, words, emotions, and meanings; an absurd mobility of meanings that conspires with our desire to attach what we already know to that which appears in front of us. As the saying goes: looks are deceiving, and art is always a game and an illusion.” The words of curator and critic Luiz Camillo Osório sum up the process of reconstruction of meanings that Milton Machado operates.

In his early works, mostly drawings made during the dictatorship period, the artist used his background in architecture to create seemingly logical projects and narrative drafts that were actually fictional and unfeasible. In the decades that followed, Milton Machado has progressively increased the scale and expanded the diversity of the genres he uses, coming to include objects, sculpture, video, photography, and large installations, but he keeps exploring the tension brought about by artistic inquiries into the models of scientific knowledge. With his interventions, Milton Machado either creates or evidences relationships which are surprising and revealing, bridging the gap between theoretically separate fields: the industrial and the artistic; the architectural and the pictorial; the family and the political, etc.

Milton Machado was born in 1947 in Rio de Janeiro, where he lives and works. He featured in the 10th, 19th, and 29th editions of the Bienal de São Paulo (1969, 1987, and 2010) and the 7th Mercosul Biennial, in Porto Alegre (2009), all in Brazil. Recent solo shows include *Cine Lage* (Escola de artes Visuais do Parque Lage, Rio de Janeiro, Brazil, 2012); *Produção* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2009); *Homem muito abrangente* (Museu da República, Rio de Janeiro, Brazil, 2006) and *Sobre a mobilidade* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2005). Recent group shows include: *O abrigo e o terreno* (Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brazil, 2013); *Genealogias do contemporâneo* (Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brazil, 2012); *Novo museu tropical* (TEOR/ÉTICA, San José, Costa Rica, 2012); 17<sup>ª</sup> Festival Internacional de Arte Contemporânea Videobrasil – Panoramas do Sul (SESC Belenzinho, São Paulo, Brazil, 2011); *Europalia: art in Brazil* (Bozar, Brussels, Belgium, 2011); *Arte contemporânea brasileira – Coleção João Sattamini* (Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Niterói, Brazil, 2009); and *MALI contemporâneo: adquisiciones y donaciones* (Museo de Arte de Lima, Lima, Peru, 2009).

His work is in public collections such as that of the Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brazil; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brazil; Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Niterói, Brazil; University of Essex, Essex, England; Museo de Arte de Lima, Lima, Peru; Museo Civico di Arte Contemporanea, Gibellina, Italy and Daros Foundation, Zurich, Switzerland.



rodolpho parigi

Rodolpho Parigi  
**Concrete Nerveux** 2012 / 2013  
óleo sobre tela /  
oil on canvas  
240 x 180 cm  
detalhe / detail



Rodolpho Parigi  
**Êxtase de Santa Teresa Nerveux**  
**pantone 6**, 2013  
transfer de luz e óleo sobre poliéster /  
light transfer and oil on polyester  
159 x 150 cm





A pintura de Rodolpho Parigi pode ser vista dentro de uma vertente, recorrente na nova geração de artistas brasileiros surgidos nos anos 2000, que retoma, de renovadas maneiras, o procedimento de se apropriar dos espaços arquitetônicos, transcendendo o espaço da tela. Sua pintura caracteriza-se, porém, pela diversidade de processos. Se a parede é feita de ângulos retos, a intervenção de Parigi vai desfazer a ordem ao mesmo tempo em que se vale dela: uma explosão de formas e cores mistura, de forma singular, humor e organicidade, traços psicodélicos e precisão formal, em diálogo com a organização quase sempre cartesiana da arquitetura ao redor.

O artista gosta de citar Clement Greenberg para lembrar que os caminhos da pintura só podem ser criticados e reformulados pela própria pintura. Para essa reinvenção, no entanto, ele invoca uma multiplicidade de referências, que incluem o grafite de rua, a arte de Bosch, o universo visceral de Adriana Varejão e até a música, que dita o ritmo dos gestos, e a dança, dimensão da batalha corporal com as grandes dimensões a preencher.

Rodolpho Parigi nasceu em 1977, em São Paulo, onde vive e produz. Exposições coletivas recentes incluem: *1911-2011: arte brasileira e depois – Coleção Itaú* (Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, Brasil, 2012); *Works on paper* (Rabbitthole Space, Nova Iorque, EUA, 2011); *Spinnerei walk-about* (Leipzig, Alemanha, 2011); *Os primeiros dez anos* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2011); e *Novas aquisições* (Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brasil, 2010). Sua principais mostras solo recentes são: *Projeto de Ocupação A Pipa* (Praça Victor Civita, São Paulo, Brasil, 2013); *Atraque* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2011); *Concrete blonde* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2009); e *Programa de Exposições Individuais Simultâneas* (Museu de Arte de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, Brasil, 2006).

Suas obras fazem parte de coleções como: Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil; Itaú Cultural, São Paulo, Brasil; Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brasil; e Museu de Arte de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, Brasil, entre outras.

The paintings of Rodolpho Parigi can be regarded as part of a recurring movement within the new generation of Brazilian artists who came up in the 2000s, which revisits, in renewed forms, the procedure of appropriating architectural spaces, transcending the space of the canvas. His painting, however, is characterized by its diversity of processes. If a wall is made of right angles, then Parigi's intervention will undo the order while also using it: an explosion of shapes and colors creates a unique combination of humor and organicity, psychedelic lines, and formal precision, conversing with the chiefly Cartesian arrangement of the surrounding architecture.

The artist likes to quote Clement Greenberg in order to stress that the directions of painting can only be criticized and reformulated through painting itself. For that reinvention, however, he invokes multiple references which include street graffiti, the art of Bosch, the visceral universe of Adriana Varejão, and even music, which dictates the rhythm of the gestures, and dancing, a dimension of the corporal battle with the large dimensions to fill in.

Rodolpho Parigi was born in 1977 in São Paulo, where he lives and works. Recent group shows include: *1911-2011: arte brasileira e depois – Coleção Itaú* (Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, Brazil, 2012); *Works on paper* (Rabbitthole Space, New York, USA, 2011); *Spinnerei walk-about* (Leipzig, Germany, 2011); *Os primeiros dez anos* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2011); e *Novas aquisições* (Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brazil, 2010). Recent solo shows include: *Projeto de Ocupação A Pipa* (Praça Victor Civita, São Paulo, Brazil, 2013); *Atraque* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2011); *Concrete blonde* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2009); e *Programa de Exposições Individuais Simultâneas* (Museu de Arte de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, Brazil, 2006).

His works are included in the collections of: Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil; Itaú Cultural, São Paulo, Brazil; Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brazil; and Museu de Arte de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, Brazil, among others.



Paulo Bruscky -- **Limpos e Desinfetados** 1984 -- fotografia / photograph -- 40 x 40 cm



COPIA CONFORME ORIGINAL



GENTE URGENTE

AMERICA LATINA BRASIL URGENTE

Paulo Bruscky • CP850 • Recife • PE • Brasil

Paulo Bruscky  
**Alimentação** 1978  
ação, fotografia e caneta hidrográfica sobre papel /  
performance, photograph  
31,5 x 22 cm

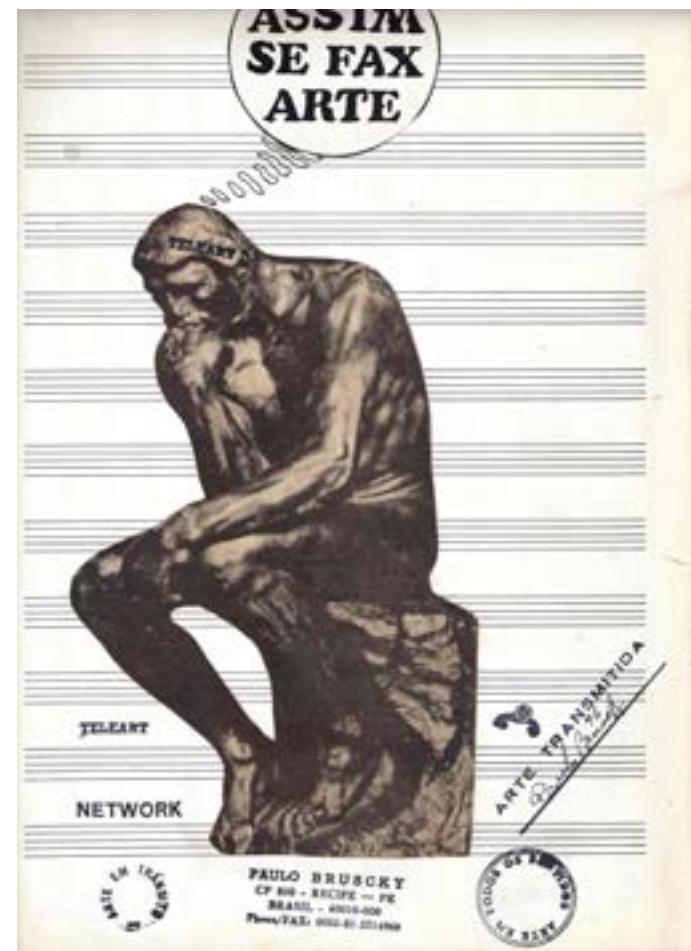




Paulo Bruscky  
**Sem título / Untitled** 1993  
 carimbo sobre offset / stamp on offset paper  
 33 x 23,5 cm



Paulo Bruscky  
**Sem título / Untitled** 1989  
 carimbo e corretivo sobre offset / stamp on offset paper  
 33 x 23,5 cm



Paulo Bruscky  
**Sem título / Untitled** 1996  
 colagem sobre papel / collage on paper  
 33 x 23,5 cm





O crítico Adolfo Montejo Navas atribui a importância do trabalho de Paulo Bruscky “em parte à condição do artista de poietes – de fazedor originário de imagens –, em parte pela convivência contínua com elementos textuais (que podem ser letras, palavras, frases, que atingem um resultado icônico), mas sobretudo por demonstrar que a função poética deste corpus é agenciadora de fluxos exteriores à textualidade”. Não por acaso, para elaborar um profuso discurso visual, o artista lança mão de variadas linguagens como fotografia, vídeo, colagem, assemblage e desenho.

A obra de Paulo Bruscky caracteriza-se pela constante experimentação de meios. Desde 1966, publica desenhos, mas também estuda pintura e gravura, além de ter frequentado o ateliê do pai, o que incluiu em sua produção a ampliação de fotografias. Trabalhando em instituições públicas, como a Fundação Joaquim Nabuco, em Recife, utilizou as próprias ferramentas do emprego – carimbos, envelopes e documentos – em suas peças. Suportes efêmeros como xerox, fax, papéis de carta e heliografias também deram corpo ao pensamento crítico de Bruscky. Tem importância, ainda, a correspondência que mantém com artistas como Daniel Santiago e integrantes do grupo Fluxus, de que Bruscky possui o maior acervo na América Latina. A política é uma de suas preocupações, sobretudo durante o regime militar brasileiro (1964-84), como denota a contundente ação Enterro aquático 1, de 1972, em que um caixão funerário foi lançado no rio Capiberibe, com a inscrição “ARTE” sobre o tampo.

Paulo Bruscky nasceu em 1949, em Recife, onde reside e produz. Participou das 16ª, 20ª, 26ª e 29ª edições da Bienal de São Paulo, Brasil (1981, 1989, 2004, 2010); da 10ª Bienal de Havana, Cuba (2009), entre outras bienais, além de coletivas como *Reinventando o mundo* (Museu Vale, Vila Velha, Brasil, 2013); *Mitologias por procuração* (Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2013); *In cloud country* (Harewood House, Leeds, Inglaterra, 2013); *Perder la forma humana* (Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia, Madrid, Espanha, 2012); *Trienal Poli/Gráfica de San Juan*, Porto Rico (2012); *Sistemas, Acciones y procesos* (Fundación Proa, em Buenos Aires, Argentina, 2011); *Cine a contracorriente* (Centro de Cultura Contemporânea, Barcelona, Espanha, 2010); e *Panorama dos Panoramas* (Museu de Arte Moderna de São Paulo, Brasil, 2008). Suas mais recentes mostras solo são: *Paulo Bruscky* (Plataforma Bogotá, Bogotá, Colômbia, 2013); *Banco de ideias* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2012); *Arte Correio* (Centro Cultural dos Correios, Recife, Brasil, 2011); *Paulo Bruscky – Uma obra sem original* (Museu de Arte da Pampulha, Belo Horizonte, Brasil, 2010); e *Poiesis – contexto e limiar* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2009).

Obras suas integram acervos como: Tate, Londres, Inglaterra; Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil; Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil; Museu d'Art Contemporani de Barcelona, Barcelona, Espanha; Stedelijk Museum, Amsterdã, Holanda; entre outros.

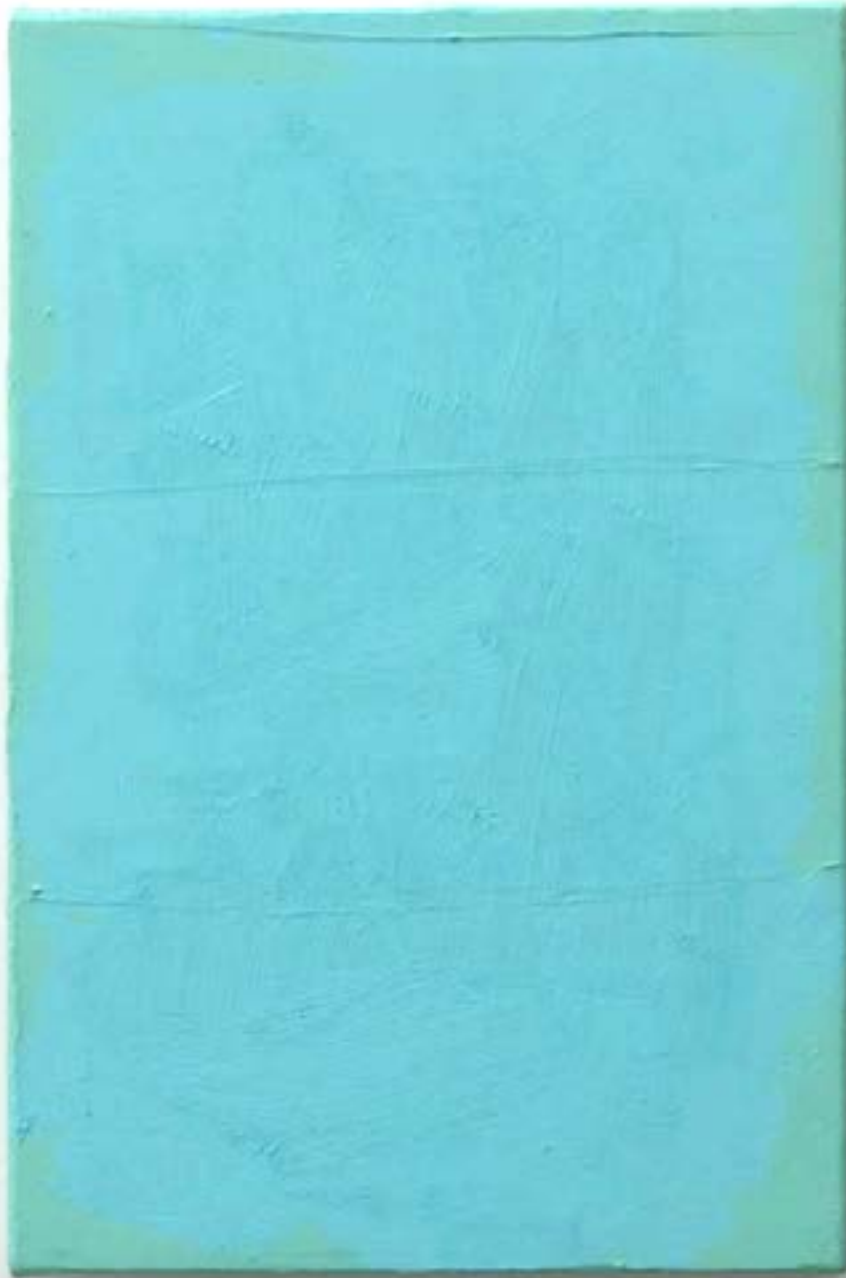
The critic Adolfo Montejo Navas ascribes the importance of Paulo Bruscky's work “in part to his condition as a poietes artist—an originator of images—and in part to its continuous interaction with textual elements (which may be letters, words, sentences, which attain an iconic result), but most of all to its demonstrating that the poetical function of the corpus therein deals with flows external to textuality.” It is not by chance that in order to elaborate a profuse visual discourse, the artist makes use of varied languages such as photography, video, collage, assemblage, and drawing.

Paulo Bruscky's oeuvre is characterized by constant experimentation with media. Starting in 1966, he published drawings, but he also studied painting and engraving, and went to his father's studio to do photo enlargements. Working at public institutions such as the Fundação Joaquim Nabuco, in Recife, he used the very tools of his trade—stamps, envelopes, and documents—in his artwork. Ephemeral materials such as Xerox copies, fax, letter papers, and heliographies also helped shape Bruscky's critical thinking. His correspondence with artists such as Daniel Santiago and members of the Fluxus group, of whose work Bruscky owns the largest collection in Latin America, is also worth noting. Politics is one of his concerns, especially during the Brazilian military regime (1964–84), as shown by the striking action *Enterro aquático 1*, from 1972, in which a casket bearing the inscription “ARTE” [art] was launched into the Capiberibe River.

Paulo Bruscky was born in 1949 in Recife, where he lives and works. He featured in the 16th, 20th, 26th, and 29th editions of the Bienal de São Paulo (1981, 1989, 2004, 2010); the 10th Havana Biennial, Cuba (2009), among other biennials, as well as group shows such as the como *Reinventando o mundo* (Museu Vale, Vila Velha, Brazil, 2013); *Mitologias por procuração* (Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brazil, 2013); *In cloud country* (Harewood House, Leeds, England, 2013); *Perder la forma humana* (Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia, Madrid, Spain, 2012); *Trienal Poli/Gráfica de San Juan*, Puerto Rico (2012); *Sistemas, Acciones y procesos* (Fundación Proa, Buenos Aires, Argentina, 2011); *Cine a contracorriente* (Centro de Cultura Contemporânea, Barcelona, Spain, 2010); and *Panorama dos Panoramas* (Museu de Arte Moderna de São Paulo, Brazil, 2008). Recent solo shows include *Paulo Bruscky* (Plataforma Bogotá, Bogotá, Colombia, 2013); *Banco de ideias* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2012); *Arte Correio* (Centro Cultural dos Correios, Recife, Brazil, 2011); *Paulo Bruscky – Uma obra sem original* (Museu de Arte da Pampulha, Belo Horizonte, Brazil, 2010); and *Poiesis – contexto e limiar* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2009).

His works are included in the collections of: Tate, London, England; Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brazil; Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brazil; Museu d'Art Contemporani de Barcelona, Barcelona, Spain; Stedelijk Museum, Amsterdam, Holland; among others.





sérgio sister

Sergio Sister  
**Sem título / Untitled 2012**  
óleo sobre tela / oil on canvas  
30 x 20 cm

Sergio Sister  
**Tijolinhos** 2006  
óleo sobre tela sobre madeira e tubo de  
aluminio / oil on canvas on wood  
24 x 18,5 x 6 cm





Sergio Sister  
**Uma entrada** 2008  
óleo sobre tela e tubo de alumínio / oil on canvas and aluminum tube  
185 x 250 cm



Egresso da geração 80, Sérgio Sister tem forte ligação com a pintura. Rodrigo Naves considera que sua obra, apesar de se aprofundar nas questões mais específicas da pintura sem qualquer concessão a comentários prosaicos, como luz, tons e natureza das pinceladas, contém conflitos internos e tensões que levam sua inquietação para além dos temas estritamente pictóricos. “É sobretudo nesses momentos de indefinição que os quadros aparecem mais intensamente”, diz o crítico e curador.

O próprio artista explica o processo criativo que resulta nas variadas densidades de pintura, estruturas mais ou menos aparentes de imagens, diferentes sobreposições ou predominâncias cromáticas: “Por uma bela perversão da natureza, o espaço e o tempo acabam reunindo cacos aparentemente desconexos. Não importa se os estilhaços tenham origem na singeleza natural dos anos ou na destruição dos homens. Em algum momento, as tensões e desconexões que se acumulam ou se transfiguram apresentam-se como uma unidade íntegra e visível. Isso me chega através da pintura”. Sister também faz peças tridimensionais, quase como um desdobramento de suas questões da pintura, como as séries *Ripas*, produzida desde o final dos anos 1990, e *Caixas*, produzida desde 2009.

Sérgio Sister nasceu em 1948, em São Paulo, onde reside e trabalha. Participou das 9ª e 25ª edições da Bienal de São Paulo, Brasil (1967, 2002). *Correspondências* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2013); *O colecionador de sonhos* (Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brasil, 2011); *Ponto de equilíbrio* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2010); *Obra Menor* (Ateliê 397, São Paulo, Brasil, 2009); e *Ao mesmo tempo o nosso tempo* (Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2006) são algumas das mostras coletivas de que participou há pouco. Entre suas exposições individuais recentes estão: *Sérgio Sister* (Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2013); *A cor reunida* (Museu Municipal de Arte, Curitiba, Brasil, 2013); *Entre tanto* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2011); e *Pinturas face a face* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2007).

Suas obras fazem parte de acervos como os do Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil; Centro Cultural São Paulo, São Paulo, Brasil; e Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brasil.

A representative of the 1980s generation, Sérgio Sister has a strong connection to painting. Rodrigo Naves considers that even though his oeuvre delves into the more specific issues of painting without concession to prosaic commentaries such as light, tones, and nature of brushstrokes, it does contain inner conflicts and tensions that extend its restlessness beyond strictly pictorial themes. “It is above all in these indefinite moments that the paintings appear more intensely,” says the critic and curator.

The artist himself explains the creative process leading to the various painting densities, image structures apparent to a greater or lesser extent, different superimpositions or chromatic prevalences: “Through a beautiful perversion of nature, space and time end up gathering seemingly disconnected shards. It doesn’t matter whether the shards have originated from the natural simplicity of the years or from the destruction of men. At some point in time, the tensions and disconnections which accumulate or transfigure themselves are presented as an integral, visible unit. And that arrives at me through painting.” Sister also makes three-dimensional pieces, almost as a development of his issues with painting, such as the *Ripas* (produced since the late 1990s) and *Caixas* (produced since 2009) series.

Sérgio Sister was born in 1948, in São Paulo, where he lives and works. He featured in the 9th and 25th editions of the Bienal de São Paulo, Brazil (1967, 2002). Recent group shows include: *Correspondências* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2013); *O colecionador de sonhos* (Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brazil, 2011); *Ponto de equilíbrio* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2010); *Obra menor* (Ateliê 397, São Paulo, Brazil, 2009); and *Ao mesmo tempo o nosso tempo* (Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brazil, 2006). Recent solo shows include: *Sérgio Sister* (Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil, 2013); *A cor reunida* (Museu Municipal de Arte, Curitiba, Brazil, 2013); *Entre tanto* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2011); and *Pinturas face a face* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2007).

His works are included in the collections of the Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brazil; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brazil; Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil; Centro Cultural São Paulo, São Paulo, Brazil; and Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brazil.



tomie ohtake

Tomie Ohtake  
**Sem título / Untitled** 2010  
acrílica sobre tela / acrylic on  
canvas  
150 x 150 cm

Uma aparentemente paradoxal relação entre silêncio e ritmo permeia os trabalhos de Tomie Ohtake desde a década de 1960, quando a artista se firma na arte abstrata, notadamente pinturas e esculturas, além de trabalhos sobre papel. Poucos elementos habitam as planícies de suas obras, muito concisas e de metódica fluidez, imagens que flertam com as formas sinuosas e sensuais da tradição japonesa.

A pesquisa constante de cor, textura, forma e transparência revela-se em todas as suas fases de produção e nos diversos expedientes técnicos adotados – da tinta rarefeita à mais volumosa, da paleta sóbria aos contrapontos de cores saturadas e vibrantes. Nota-se, alternada ou simultaneamente, a influência do suprematismo, da abstração caligráfica, do anamórfico – facetas que não negam que Tomie mantém relações com a tradição, mas que desenham um trajeto original de criações atemporais e sensíveis, fluidas. Suas esculturas levam ao campo tridimensional as mesmas questões que a artista confronta em duas dimensões – surgem como manifestos de caligrafias táteis, traços de dança plasmados no espaço, nos quais forma e cor têm importância. Uma peculiar comunicação do indecifrável revela a contemporaneidade de seu trabalho – ele contém algo de inefável, mas produz uma imediata sensação de cumplicidade visual e sinestésica.

Japonesa de Kyoto, Tomie Ohtake nasceu em 1913, e hoje vive e trabalha em São Paulo. Participou de inúmeras bienais, como a Bienal de São Paulo, Brasil (1961, 1963, 1965, 1967, 1989, 1996, 1998 e 2003); XI Bienal de Veneza, Itália (1972); 1ª e 2ª edições da Bienal Latino-Americana em Havana, Cuba (1984, 1986), entre outras. Entre suas exposições coletivas recentes estão: *FUSION: tracing Asian migration to the Americas through AMA's Collection* (Art Museum of the Americas, Washington, EUA, 2013); *Vontade construtiva* (Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brasil, 2013); *Mulheres* (Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Niterói, Brasil, 2012); e *Um século de arte brasileira*, Coleção Gilberto Chateaubriand (Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, Brasil; Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brasil, 2006). Suas mais recentes exposições individuais são: *Pintura e pureza* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2013); e *Pinturas cegas* (Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre, Brasil, 2012; Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2011).

A seemingly paradoxical relationship between silence and rhythm has permeated the works of Tomie Ohtake since the 1960s, when the artist became established in abstract art, notably paintings, sculptures, and works on paper. A few elements inhabit the spaces of her artwork, very concise and endowed with a methodical fluidity, images that flirt with the winding, sensual shapes of Japanese tradition.

A constant research into color, texture, form, and transparency is revealed in all stages of her production and the various procedures she uses—from thin to thicker paint, from a sober palette to counterpoints of saturated, vibrant colors. One notes either alternating or simultaneous influences of suprematism, calligraphic abstraction, the anamorphic—facets which do not deny Ohtake's relations with tradition, while also outlining an original trajectory of timeless, sensitive, fluid creations. Her sculptures bring into the three-dimensional field the very issues she confronts in two dimensions—they emerge as manifestos of tactile calligraphies, dance moves turned to plasma into space, in which shape and color are important. A peculiar communication of the undecipherable reveals the contemporary character of her work—it contains something ineffable, however gives off an immediate sensation of visual and synesthetic complicity.

Born in Kyoto, Japan, in 1913, Tomie Ohtake lives and works in São Paulo. She has featured in several biennials, such as the Bienal de São Paulo, Brazil (1961, 1963, 1965, 1967, 1989, 1996, 1998, and 2003); XI Venice Biennale, Italy (1972); 1st and 2nd editions of the Latin American Biennial in Havana, Cuba (1984, 1986), among others. Recent group shows include: *FUSION: tracing Asian migration to the Americas through AMA's Collection* (Art Museum of the Americas, Washington, USA, 2013); *Vontade construtiva* (Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brazil, 2013); *Mulheres* (Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Niterói, Brazil, 2012); and *Um século de arte brasileira, Coleção Gilberto Chateaubriand* (Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brazil; Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, Brazil; Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brazil, 2006). Recent solo shows include: *Pintura e pureza* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2013); and *Pinturas cegas* (Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre, Brazil, 2012; Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2011).





Vik Muniz -- Rio de Janeiro Postcard 2013 -- c-print digital / digital c print -- 180 x 240 cm

vik muniz



Vik Muniz  
**Pictures of Magazine 2: Seated Black  
Woman, after Felix Vallotton** 2013  
c-print digital / digital c print  
230 x 180 cm



A obra de Vik Muniz questiona e tensiona os limites da representação. Apropriando-se de matérias-primas como algodão, açúcar, chocolate, e até lixo, o artista meticulosamente compõe imagens icônicas e lhes repropõe significações. O objeto final de sua produção mais conhecida atualmente é a fotografia, mas sua obra já transitou pelo tridimensional, pelo desenho e até pela escultura.

Para a crítica e curadora Luisa Duarte, “sua obra abriga uma espécie de método que solicita do público um olhar retrospectivo diante do trabalho. Para ‘ler’ uma de suas fotos, é preciso indagar o processo de feitura, os materiais empregados, identificar a imagem, para que possamos, enfim, nos aproximar do seu significado. A obra coloca em jogo uma série de perguntas para o olhar, e é nessa zona de dúvida que construímos nosso entendimento”.

Vik Muniz nasceu em 1961, em São Paulo. Vive e trabalha em Nova York e Rio de Janeiro. Participou de inúmeras bienais, como da 49ª Bienal de Veneza, Itália (2001); 24ª Bienal de São Paulo, Brasil (1998); Bienal de Arte Contemporânea de Moscou, Rússia (2009), entre outras. *Más acá de la imagen* (Museo de Arte del Banco de la República, Bogotá, Colômbia, 2013); *Clayton days* (The Frick, Pittsburgh, EUA, 2013); *Espelhos de papel* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2013); *Vik* (Centro de Arte Contemporânea de Málaga, Málaga, Espanha, 2012); *Relicário* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2011); e *Vik Muniz* (Nichido Contemporary Art, Tóquio, Japão, 2010), são suas mais recentes exposições individuais. Algumas das mostras coletivas de que participou são: *Superreal: alternative realities in photography and video* (El Museo del Barrio, Nova Iorque, EUA, 2013); *Travessias 2* (Galpão Bela Maré, Rio de Janeiro, Brasil, 2013); *Swept away* (Museum of Arts and Design, Nova Iorque, 2012); *Fragments latino-américains* (Maison de l'Amérique Latine, Paris, França, 2010); e *Surface tension* (Metropolitan Museum of Art, Nova Iorque, EUA, 2009).

Suas obras integram acervos como: Museum of Modern Art, Nova Iorque, EUA; Centre Pompidou, Paris, França; Guggenheim Museum, Nova Iorque, EUA; Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, Madrid, Espanha; e Inhotim, Brumadinho, Brasil.

Vik Muniz's work questions and tenses up the boundaries of representation. Appropriating raw materials such as cotton, sugar, chocolate, and even trash, the artist meticulously composes iconic images and reproposes their significances. The final object of his best-known production today is photography, but his work has transited through the three-dimensional, drawing, and even sculpture.

To the critic and curator Luisa Duarte, “his works harbor a sort of method which calls on the audience to look at it retrospectively. In order to ‘read’ one of his photographs, one must inquire into the process of making it, the materials used, one must identify the image before finally grasping its meaning. The artwork puts into play a series of questions to the eyes, and it is on that zone of doubt that we build our understanding.”

Vik Muniz was born in 1961 in São Paulo. He lives and works in New York and Rio de Janeiro. He has featured in several biennials, such as the 49th Venice Biennale, Italy (2001); 24th Bienal de São Paulo, Brazil (1998); Moscow Contemporary Art Biennial, Russia (2009), among others. Recent solo shows *Más acá de la imagen* (Museo de Arte del Banco de la República, Bogotá, Colombia, 2013); *Clayton days* (The Frick, Pittsburgh, USA, 2013); *Espelhos de papel* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2013); *Vik* (Centro de Arte Contemporânea de Málaga, Málaga, Spain, 2012); *Relicário* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2011); and *Vik Muniz* (Nichido Contemporary Art, Tokyo, Japan, 2010). Recent group shows include: *Superreal: alternative realities in photography and video* (El Museo del Barrio, New York, USA, 2013); *Travessias 2* (Galpão Bela Maré, Rio de Janeiro, Brazil, 2013); *Swept away* (Museum of Arts and Design, New York, USA, 2012); *Fragments latino-américains* (Maison de l'Amérique Latine, Paris, France, 2010); and *Surface tension* (Metropolitan Museum of Art, New York, USA, 2009).

His works are included in the collections of: Museum of Modern Art, Nova Iorque, USA; Centre Pompidou, Paris, France; Guggenheim Museum, New York, USA; Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, Madrid, Spain; and Inhotim, Brumadinho, Brazil.



